

DIDEROT

(1.º Centenario — 1784 — 30 de julho — 1884)

Acaba de organizar-se em Paris uma commissão iniciadora da festa de commemoração civica em honra de Diderot; a sua longa e reorganisadora actividade artistica, scientifica e philosophica, que impulsionou as intelligencias e as consciencias do seculo XVIII, extinguiu-se com o seu fallecimento em 30 de julho de 1784. Quando ao fim de um seculo, muitos nomes gloriosos se acham totalmente esquecidos, como os da aristocracia franceza envolvida no vortice da Revolução, como os personagens do mundo official do gasto cesarismo, como os laureados das academias e dos salões, o filho do honrado couteleiro de Langres levanta-se como a synthese de uma época, vivendo na solidariedade humana por ter accelerado o curso de todas as energias sociaes. O Centenario de Diderot significa a justa comprehensão da continuidade activa e especulativa que existe entre o seculo da Revolução e o da reconstrucção. A parte negativa do trabalho do seculo XVIII, caracterizada pela dissolução do regimen catholico-feudal, ainda não está terminada; e a parte positiva da moderna reorganisação sociocratica, ainda demorada pela necessidade da intervenção do radicalismo politico, apenas se vae esboçando n'estas consagrações sociaes dos Centenarios.

Augusto Comte, nas suas Cartas a Stuart Mill, previu esta tendencia das sociedades modernas para a glorificação dos grandes homens e dos successos capitaes, e sentiu bastante o não ter uma

prolongada existência para vêr como esta manifestação espontanea da solidariedade social se ia convertendo em um systema de expressão moral de um accordo affectivo. A frequencia com que ha quasi quarenta annos se succedem estas festas civicas dos Centenarios entre todos os povos da Europa, revela-nos realmente que o sentimento moderno procura outras bases de concordia, venerando aquelles que universalisaram ideias, que deram fórmula eterna aos sentimentos, ou que exerceram uma acção constructiva na collectividade social, deixando cair no esquecimento esses outros seres egoistas chamados Santos, que a Egreja commemora pelo seu feroz egoismo, affrontando a sociedade para ganharem para si uma ficticia bemaventurança. Se algum dia a humanidade, sob a direcção racional que leva, reconhecer como uma necessidade a adoração de alguma cousa, em vez d'essas entidades ficticias das theologias, ella concentrará a sua veneração nos vultos que synthetisam por alguma fórmula os esforços da especie para a sua elevação moral, politica e economica.

Os Centenarios são este esboço de reorganisação sociolátrica, que se define de um modo evolutivo; a iniciativa da sua celebração tem partido de todos os campos, quer dos representantes da theocracia, como do conservantismo politico, das collectividades academicas, como dos elementos revolucionarios e radicaes. Todos se conformam na mesma tendência.

Actualmente o Centenario de Diderot, em 30 de julho de 1884, vem completar o reconhecimento da nossa herança historica do seculo XVIII, cujos problemas politicos, religiosos e philosophicos esperam ainda uma solução definitiva, embaraçada pelos retrocessos do militarismo napoleonico e da pedantocracia constitucional parlamentar, com que nos esgotamos ainda, já pelos conflictos internacionaes, já pelos constantes golpes de estado parlamentares ou ministeriaes.

Depois dos Centenarios de Voltaire e de Rousseau, com que os elementos activos dos livres-pensadores e do radicalismo francez se reconheceram os continuadores do genio revolucionario do seculo XVIII na sua parte negativa, era logica e necessaria a consagração do grande espirito que no meio d'essa corrente metaphysica criticista tentou um esforço de reorganisação positiva, primeiramente pela fórmula esthetica, depois pela elaboração scientifica, e por fim pelas deducções philosophicas. Esse vulto extraordinario que fecundou a actividade do seculo em todas as suas manifestações, foi Diderot; se os que estão emancipados de todos os preconceitos theologicos, e na lucta actual contra o clericalismo para a emancipação da esphera civil, tomaram a glorificação de Voltaire como a senha de confiança nas suas fileiras; se os que se liber-

taram dos preconceitos do privilegio de nascimento demolindo essa outra ficção da Realeza hereditaria ou dynastica, organisando o poder pelo accordo da vontade de todos na Democracia, foram encontrar na glorificação secular de Rousseau o sentido da sua convergencia activa nas luctas do suffragio; depois d'estas commemorações competia á Philosophia positiva, como synthese constructiva do seculo XIX, proclamar o nome de Diderot, como o da intelligencia mais lucida que em toda a actividade negativa do seculo XVIII trabalhou de um modo directo para a reorganisação mental do homem e para a reorganisação moral da sociedade. O illustre representante da doutrina positiva, M. Pierre Laffitte, é o presidente da commissão preparadora do Centenario de Diderot, cujo manifesto accentua com a maior nitidez o alcance social d'esta consagração.

Voltaire, pela sua critica dissolvente, atacava a cabala clerical e o predominio doutrinario do theologismo, mas bajulava a Realeza, e dava-se por satisfeito com esta fórma do poder temporal; pelo seu lado Rousseau não era menos incongruente, prégando a ruina das desigualdades sociaes perante um estado natural paradisiaco, e ao passo que combatia as aristocracias e a realeza, impunha com intolerancia sanguinaria esse abstracto deismo, que dirigiu os homens mais implacaveis da época do terror. As contradicções d'estes dois espiritos resultavam da falta de um principio doutrinario, e da sua missão critica com um destino provisorio. A superioridade do espirito de Diderot sobre a grande pleiada do seculo XVIII, provém de uma capacidade synthetica, da sua vista de conjunto da complexidade dos elementos analyticos que se elaboravam na sua época, e é por isso que elle se achou exercendo uma direcção tacita sobre os seus contemporaneos, já pelo prestigio surprehendente das suas conversas, já pelo genio da fórma litteraria, já pela audacia das suas arrojadas iniciativas, como a d'essa empreza da Encyclopedie. Ninguem no seculo XVIII possuiu essa capacidade synthetica como Diderot; é por isso que a negação do clericalismo, como proclamava a eschola voltairiana e que se tornou a caracteristica mais accentuada do seculo, e tambem a negação dos privilegios aristocraticos como queria a eschola radicalista de Rousseau, que veiu a preponderar na Revolução franceza, eram dois problemas preliminares para Diderot, que visava á reconstrucção.

A phrase de Augusto Comte: *Induire pour deduire, à fin de construire*, condensa toda a existencia intellectual de Diderot no seu esforço de reorganisação social. A inducção scientifica leva-o a descobrir a necessidade do encadeamento dogmatico de todas as verdades demonstradas, e a achar o caracter relativo das nossas

concepções; é assim que elle entra no campo da especulação philosophica, livre da preocupação theologica e do criticismo metaphisico, exercendo uma acção constructiva no desenvolvimento das applicações technicas das artes industriaes, verdadeira direcção depois do esgotamento das actividades theologico-militares. N'este sentido escreve M. Laffitte, no citado Manifesto: « Assim a sua obra principal consiste nos esforços constantes, ainda que muitas vezes confusos e falhos de uma coordenação necessaria, para o regimen final da nossa especie, em que a Humanidade governará os seus proprios destinos pela sciencia, pela arte e pela industria. — Na Encyclopedia, as artes mechanicas occupam um lugar importante, e pela primeira vez, sem duvida alguma, viu-se não sómente os manufactores e negociantes, mas tambem os operarios, concorrerem directamente para uma obra philosophica de primeira ordem. — Quesnay e Turgot ali assentaram as bases de suas concepções economicas, e Bourgelat ali expôz os principios da arte veterinaria, esta arte capital que institue o governo da natureza viva para o serviço da nossa especie. — Assim, sob a direcção de Diderot todos os aspectos do regimen industrial são verdadeiramente indicados, e se lhe falta a systematisação, acha-se em compensação uma multidão de vistas novas e de noções originaes. »

A obra de Diderot acompanha na sua complexidade o desenvolvimento da sua propria natureza; elle é o exemplo d'essa transformação psychologica evolutiva, que começa pela actividade emocional ou *esthetica*, e fortalecido pela elaboração critica ou *scientifica*, termina pela systematisação *philosophica*.

A influencia de Diderot exerce-se primeiramente nas fôrmas da arte, e é dos seus esforços que data a transformação do drama naturalista, que se estendeu até á Allemanha em Lessing, Goethe e Schiller; o drama *O Pae de familias* foi a sua primeira tentativa de idealisação do real; seguiu-se-lhe o *Filho natural*. Bouterweck, que conheceu a influencia das doutrinas estheticas de Diderot sobre o theatro allemão, diz d'elle: « Possuia um tacto bastante delicado para descobrir as relações moraes, e o talento para imitar nos seus escriptos a linguagem natural da vida commum. »

Diderot escrevia previamente as theorias estheticas que realisava nas obras litterarias, e comtudo, como confessa Bouterweck: « Posto que elle avance passo a passo como um geometra, medindo o seu caminho dramatico segundo os seus principios e calculando do modo mais methodico o effeito de cada scena e quasi de cada palavra, comtudo, elle evita á força de arte a apparencia de um trabalho permanente. »

A influencia de Diderot no theatro moderno do Romantismo foi reconhecida pelos criticos contemporaneos; Genin, erudito sem

vistas de conjuncto, e por isso hostile a Diderot, escreve: « o que se chamou *arte romantica*, com o seu fausto de verdade dê por onde der, não era mais do que um caldo requentado dos velhos systemas de Diderot. No seu livro *L'Eglise et les Philosophes au Dix-huitième siècle*, Lanfrey filia no drama de Diderot, Sedaine, Lessing, Goethe e Schiller e toda a eschola dramatica moderna: « Os seus admiraveis *Salões*, onde o enthusiasmo do bello e uma assombrosa segurança de instincto o guiam mais infallivelmente do que todas as vãs theorias de esthetica, imprimiram á Arte um feliz impulso que — preparou de longe a renovação de que fruimos os beneficios sem soffrermos a penivel iniciação. Quem poderá discriminar o que pertence a Diderot em Chardin, Fragonard, Falconnet, Vernet, Houdon e sobre tudo em Greuze?... » Depois de ter redigido durante tres annos a critica esthetica dos *Salões*, Diderot voltou-se para a Musica, chegando a influir no genio de Grétry, attribuindo-se a elle o trio pathetico do segundo acto de *Zémire et Azor*. O talento da fórma litteraria, da eloquencia, da novidade da elocução, da espontaneidade ligada a uma imaginação inesgotavel, era a sua principal força, revelada no romance inexcédível da *Religiosa*, n'esse assombroso escorço do *Neveu de Rameau*, no *Jacques o Fatalista*, e nos Contos que excedem em drama e profundidade philosophica os melhores contos de Balzac. Foi com esse poder de vulgarisação e universalidade que Diderot transitou para a sua phase de propáganda scientifica, alliciando todos os espiritos mais distinctos do seculo XVIII para a organisação da *Encyclopedia*, um inventario de todo o saber humano, e um impulso para a applicação pratica das sciencias; os abbades, como Mallet, como Yvon, de Prades, La Chapelle, Pestré, Morellet e Galliani, ahí figuram ao lado de Voltaire e de Rousseau, sob a direcção mental de d'Alembert, e em collaboração com Daubanton (collaborador de Buffon) e Condorcet. Era preciso um talento de seducção enorme para harmonisar todos estes elementos pensantes, e vencer os embaraços economicos e as pressões da auctoridade absoluta para que a *Encyclopedia* fosse levada por diante. Diderot realisou esse prodigio, trabalhando durante trinta annos, sempre debaixo do perigo da Bastilha, ou do intolerantismo que em volta d'ella sacrificava Calas e Sirven. A sua energia moral é um exemplo não excedido; a sua abnegação levou-o a sacrificar-se encarregando-se da parte da *Encyclopedia* relativa ás artes mechanicas, frequentando as officinas, observando o trabalho das machinas e explicando racionalmente os seus processos.

O partido retrogrado, dirigido então pelos Jesuitas, comprehendeu o perigo da *Encyclopedia*, e tentou prohibil-a; mas as classes illustradas interessavam-se já pelo monumento do seculo. Tentaram

corromper o livreiro, modificando o texto dos artigos; mas que importa uma ou outra contradicção, quando os principios fundamentaes são deduzidos das noções positivas das sciencias! A força d'esse baluarte da incredulidade não estava nos artigos isolados, mas no seu conjunto, na intenção do todo.

No *Discurso preliminar da Encyclopedia*, D'Alembert friso com clareza o intuito da Synthese objectiva, realisada n'esta tentativa de aproximação de todas as sciencias, onde se devia expôr tanto quanto possível «a ordem e o encadeamento dos conhecimentos humanos.» E em seguida accrescenta: «O primeiro passo que temos a dar n'esta busca, é examinar, permittam-nos o termo, a genealogia e a filiação dos nossos conhecimentos, as causas que os fizeram nascer, e os caracteres que os distinguem; em uma palavra, remontar até á origem e á geração das nossas ideias.» A synthese objectiva, ou enumeração das *ideias directas*, que constituem as Sciencias, conduzia á reorganização da Synthese subjectiva, ou Philosophia, resultante da combinação e comparação d'essas ideias directas. Tal era a parte constructiva claramente definida na actividade philosophica de Diderot.

Esta parte dispendeu-a este genio incomparavel no influxo moral das suas conversas, fazendo da *sociabilidade* uma das principaes manifestações do seculo XVIII, n'isto parecido com o assombroso seculo de Pericles. A pobreza, as doenças e as perseguições não o deixaram desenvolver theoreticamente as suas doutrinas reconstructivas em Philosophia, e o desastre da grande crise social de 1789 conduziu a corrente social para o radicalismo de Rousseau e para esse deismo dos desvairados de 93, que sacrificaram os dois representantes da sciencia e da philosophia, Lavoisier e Condorcet. Não foi menos desastrosa a reacção do direito divino e do conservantismo burguez, do Imperio e da Restauração, embaraçando o advento e formação de uma doutrina positiva para os espiritos. No meio das grandes calamidades sociaes, o genio francez conseguiu proseguir no trabalho de reconstrucção entrevisto por Diderot; o grupo das chamadas Sciencias *physico-mathematicas* foi desenvolvido pela criação da Biologia por Bichat, e pelos extraordinarios systematisadores Lamarck e Blainville, e o grupo das Sciencias *moraes e politicas* foi systematisado por Auguste Comte, que completou a Synthese objectiva pela constituição da sciencia da Sociologia.

No meio do dédalo de doutrinas incoherentes, da tradição metaphysica materialista do seculo XVIII, do criticismo kantiano, do theologismo retrogrado de De Maistre e Chateaubriand, do transcendentalismo germanico, era preciso uma comprehensão clara do movimento social e intellectual da Europa para deduzir a corrente das concepções positivas que dirigem o espirito moderno. Foi Au-

guste Comte o que se elevou a essa clara compreensão ligando os phenomenos sociaes á continuidade e immutabilidade das leis naturaes, e estabelecendo o accordo final entre a synthese objectiva e a synthese subjectiva, primeira condição para que a humanidade entre em o seu estado normal.

O Centenario de Diderot, representando a consagração dos esforços para uma systematisação objectiva, só podia ser dignamente promovido pelos espiritos que já chegaram ás concepções constructivas.

THEOPHILO BRAGA.

A PINTURA MODERNA EM LISBOA

(3.ª Exposição do Grupo do Leão)

Eis um assumpto que pediria um livro, porque representa um importante phenomeno social insufficientemente observado, e ao qual eu posso apenas dedicar algumas linhas. Reduzirei portanto as minhas observações ás formulas mais breves.

Perante a indiferença completamente selvagem dos poderes constituídos pela educação artistica da nação, os pintores de Lisboa procuraram ha tres para quatro annos defender por si mesmos os seus interesses, de classe e associaram-se para esse fim em uma especie de confraria de S. Lucas, similhante á dos pintores flamengos no seculo xiv em Anvers, em Louvain e em Bruges. Honra seja aos artistas que tão lucidamente viram o lado historico do seu problema, comprehendendo que em pleno seculo xix tudo quanto se refere aos destinos da arte estava por fazer em Portugal e que era mister começar em Lisboa pela instituição da *gilde*, de que nasceram no fim da idade media os primeiros quadros de cavallete da Italia, da Bohemia e da Flandres!

Os nossos pintores deram á sua associação benemerita o modesto nome de *grupo*. A palavra constitue classificação, e convém não perder de vista o sentido que ella tem para julgar com justiça a obra que se lhe acha subordinada.

Effectivamente, do exame da collecção de quadros presentemente expostos no salão da rua de S. Francisco deduz-se, em primeiro logar, a existencia de um *grupo* d'artistas; deduz-se em segundo logar a falta de uma escola d'arte. Por um lado, este consideravel

triumpho—o apparecimento de uma iniciativa e de um conjuncto intellectual; por outro lado esta grande lastima— a falta de uma auctoridade que imponha disciplina ao talento anarchico.

Comparada com as que a precederam a presente exposição revela um incontestavel aperfeçoamento reflexo sem augmento de elevação no nivel geral do todo. Ha mais quem pinte tão bem como se pintava ha dois annos, mas não ha quem pinte melhor. Ha terceiros que passaram a segundos, e ha segundos que passaram a primeiros, mas não ha primeiros que se distancieiem consideravelmente hoje do logar em que estavam hontem. Avancam os discipulos e estacionam os mestres. Mau symptoma na evolução de um grupo em que mestres e discipulos, salvas as devidas differenças de qualificação relativa, são estudantes todos!

N'estas circumstancias a critica não só tem o direito mas tem a obrigação de intervir e de se tornar tanto mais exigente quanto mais manifesta é a aptidão dos artistas ácerca dos quaes ella tem de emittir parecer. Para grande rato, grande gato.

Entre os jovens artistas do Grupo do Leão ha quatro ou cinco pintores de raça, para os quaes esconder a verdade é faltar ao respeito. Silva Porto, Malhóa, Columbano, Vaz não são vocações oscillantes que para se terem em pé precisem de que a imprensa lhes dê um dedo e lhes diga *tem-tem!*

Silva Porto é um paizagista para concorrer com os de Paris, de Roma, de Londres ou de Berlim.

Columbano tem, com a sua maneira turbulenta e com os seus descaros de stylo negligente, uma paleta que grandes mestres se não despresariam de empunhar.

Malhóa exhibe n'esta exposição tres quadros — *Ribeira d'Alge, Pedreiras, e o Cojo em Aveiro* — os quaes bastam para individualisar em toda a parte um pintor.

Vaz é de todos os do grupo o que mais progrediu depois das provas da ultima exposição, ganhando presentemente logar entre os primeiros dos seus confrades. Esperamol-o com o mais vivo interesse para o anno que vem.

Com Silva Porto e Columbano Bordallo Pinheiro ha contas mais severas que ajustar.

De Silva Porto tinhamos direito a receber pelo menos um quadro e rebemos apenas trinta estudos. É pouco. É ainda menos parece observando-se que em alguns d'esses estudos a incorrecção ultrapassa um pouco as raias da liberdade no *croquis*. Na tela n.º 78, por exemplo, a qual figura na primeira linha dos quadros expostos por este sympathico artista, apparecem-nos tres bois que rompem de frente n'um bello escorço, mas dos quaes se podem apenas considerar pintadas as cabeças. Estes animaes são conduzidos por

uma hypothese quasi infundada de vaqueiro, ao qual esqueceu pôr o braço e o hombro direito. A paizagem que estofa os bois é uma improvisação incaracteristica destinada unicamente a evitar que elles fiquem no ar ou pousem na moldura. Quem pintou com tanto zelo a *arribana* da exposição anterior assumiu para com o publico uma responsabilidade que este quadro está longe de satisfazer. E todavia *os bois* venderam-se por 500\$000 reis, precisamente o dobro da quantia por que foi adquirido na venda de Fabricius d'Almerkerk, em Haarlem, o *Touro* de Paulo Potter em meados do seculo passado.

Columbano expõe quinze estudos, os quaes se acham todos no primeiro dos diversos limbos que o trabalho de um pintor deve successivamente percorrer para chegar enfim á realidade da arte. Este artista, refractario á rotina, insubmisso á tradição e ao gosto geral, ataca intrepidamente as suas telas esmurçando-as ás brochadas e exprimindo a figura não pelo delineamento das fôrmas mas pela justaposição dos tons. É a applicação da lei dos valores enunciada por Franz Wals, por Velasques e por Goya e arvorada como estandarte de revolta pelos neo-coloristas da moderna escôla de Courbet, de Corot e de Manet. O methodo é bom e a côr em Columbano lembra a phrase aparentemente paradoxal e tão justa de Fromentin: *Uma ausencia de colorido junta a uma singular sciencia de colorista.*

Como alguns dos quadros a que me refiro, o retrato da mulher de Martim Daey, da melhor maneira de Rembrandt, é pintado apenas com tres côres, preto, cinzento e branco, e não deixa de ser por isso uma das obras primas da incomparavel pintura hollandeza tão real, tão precisa, tão minuciosa e tão crystallina. Não é a côr que falta a Columbano. O n.º 13 e o n.º 17 são o que na lingua de Zola poderíamos chamar duas symphonias, uma *na escala do branco*, outra *na escala do preto*. O retrato de Mariano Pina é uma bella mancha, de arranco hespanhol, á Zurbaran ou á Velasquez, e a *Dama decotada*, cuja cabeça é desenhada com a subtiliza caracteristica dos grandes coloristas, lembra o vago reflexo d'ambar d'um canto de museu em Haarlem ou em Anvers.

O que me indigna na obra tão diversamente discutida d'este pintor, o que me dá pena de não o poder pôr a pão e agua fechado no atelier, segundo o regimen cellular applicado aos seus discipulos pelo exigente e rispido Rembrandt, é o seu criminoso desleixo d'acabamento, é o seu desdem revoltante pelo sentido exacto e preciso d'aquillo que tem que dizer-nos. Os seus quadros fazem-me o effeito d'outros tantos discursos com este desfecho: *Etc., etc., etc.* Nós outros, escriptores, dizemos *etc. etc.* n'uma leitura sem cerimonia, á lareira, em familia, mas quando pômos o livro á ven-

da, acabamol-o. Nenhum editor nos soffreria que, depois de escripto o primeiro capitulo de uma obra immorttal, a gente lhe mandasse um volume em que não houvesse senão *etceteras* desde paginas dez até paginas mil.

Se se pôde dar com um só toque de brocha embebida em alvaiade o alto da cabeça de Bulhão Pato eu prefiro de certo esse repente ao anediamento delambido de um penteado de tres horas. Quando porém do arrojo do pincel sahiu na taboa uma nuvem em vez de uma cabelleira, convém raspa-la e dar uma pincelada nova. Corot, nos ultimos annos da sua vida, contrahira o costume de fallar só deante dos quadros que fazia. Concluido o esboceto em pleno campo, tirava o cachimbo e a bolsa do tabaco da algibeira da blusa e olhava para a tela á distancia de espectador. Se a mancha era justa, exacta, definitiva, elle exclamava:

— *O grande artista andou bem e merece uma cachimbada!*

Mas se a notação era vaga, debil ou falsa, elle mettia outra vez no bolso o cachimbo, e voltava cabisbaixo para o cavallete, coçando a cabeça branca e dizendo com resignação:

— *C'est à recommencer, mon bon homme!*

Depois ha ainda em torno de todas as figuras de Columbano um amarrotamento arbitrario de accessorios, o qual, á força de ser repetido e systematico, acaba por se tornar irritante. Ninguem tenha medo de que elle commetta jámais a indiscrição de nos dizer se é taboa, se é terra ou se é tapete o chão em que pousam os seus personagens. Para elle o sólo é sempre de betume, e tem para lhe pôr em cima uma mobilia lamacenta, de couve cozida. Obstinação tremenda, que os seus amigos lhe devem a todo custo arrancar, por meios suasorios sendo possivel, e, não dando resultado a persuasão, por vias de facto!

Veja-se o n.º 18: O retrato de Silva Porto, ao centro da tela é feito de um primeiro jacto tão luminoso, de um impeto tão vivo e tão convincente, que se não pôde retocar; é um esboço de força definitiva. Alguns dos accessorios do primeiro plano são consistentes e bem marcados. Mas olhem para o fundo, e digam-me se ha coisa mais inverosimil: um artista que desenha aquella figura e não sabe esquadriar um canto de casa! As duas paredes do quarto derretem uma na outra n'um nevoeiro de cebo pardo, fazendo ambiente, em quanto um vulto d'homem, no segundo plano, desconfiado com a espessa massa de perspectiva aerea que o rodeia, toma uma resolução viril e senta-se-lhe em cima.

O retrato n.º 53, de Malhõa, é o unico acabado n'esta exposição. Esta qualidade, junta á de uma similhança perfeita, torna-m'o extremamente sympathico, e faz-me esquecer para applaudir o auctor de uma certa anemia de empaste e de uma dominante d'accorde

em côr de rosa, que prejudica a intensidade nervosa da expressão na figura.

Atrevo-me a esperar que os pintores a que me refiro e que teem na presente exposição os logares principaes me não accusem de uma severidade excessiva. Acabo de passar dois mezes dentro dos museus da Haya, de Amsterdam, de Rotterdam, da Flandres Belga, em varias galerias da Allemanha, no museu de Londres e no Louvre. Tenho ainda na visão — confesso-o — um resto de deslumbramento proprio para me fazer parecer mais escuros os logares pouco alumizados.

Nas galerias que percorri foi a pintura hollandeza a que mais indelevel e profunda impressão deixou na minha esthetica. O realismo tão ingenuo e tão poderoso d'esta grande escôla, mestra de toda a pintura moderna na propria Hispanha tão romanizada pela tradição classica, e principalmente na Inglaterra e em França, a sua poetica de um sentido tão entranhadamente humano, a sua technica tão vasta e tão perfeita, a factura dos seus artistas tão concentrada no modelo, tão affincada e tenaz no estudo, tão impregnada de todas as virtudes civis d'esse heroico povo ao mesmo tempo tão rijo e tão dôce, tão amovel e tão forte, fez-me lamentar muita vez que tão deploravelmente se houvesse quebrado no seculo xvii, juntamente com a nossa tradição maritima e commercial, a nossa tradição d'arte tão estreitamente ligada á tradição flamenga no tempo de Van Eyck e de Francisco de Hollanda, de João Flamengo e de Grão Vasco, unica época da nossa historia em que a pintura nacional teve o seu clarão no mundo.

Se os pintores de Lisboa querem o meu conselho inauthorizado, de critico incompetente mas de camarada affectuoso e d'amigo sincero, que elles procurem realiar-se senão ao processo e ao stylo, pelo menos ao espirito da escôla de Hollanda, o qual tantos nomes de artistas celebres deixou em Portugal no tempo em que fomos gente.

Os principaes elementos constitutivos d'essa escôla são o respeito simples, sincero, convencido da grande e fecunda natureza, mãe de toda a arte, o estudo severo, imperturbavel e continuo, e a tenacidade inquebrantavel no primor escrupulosissimo da fórmula em vista da expressão mais rigorosa, mais nitida e mais perfeita da eterna verdade.

Temos sobejas provas de inspiração brilhante. Pedimos documentos de trabalho forte.

Teem pintado até agora por abreviatura, n'uma especie de agebrismo de officio, que está para a pintura definitiva como está o stenographo para o calligrapho. Basta-nos de abstracções technicas, passemos a realidades artisticas.

Vimos os seus exercicios de destreza, as suas bellas escalas e as suas corridas chromaticas de côr. Conhecemos sufficientemente os seus registros. Que elles nos ministrem agôta a prova de que possuem o mais que é preciso para constituir um pintor, — a nitidez minudente da vista, a delicadeza dos dedos, a segurança do pulso.

Que se não esqueçam de que lhes incumbe uma tanto maior responsabilidade pelo seu destino quanto nada teem que esperar senão de si mesmos para o seu futuro.

O publico que os ha de julgar são elles proprios que teem de fazel-o, ministrando-lhe a educação que lhe falta. N'este intuito eu os aconselharia ainda a que, aproveitando o conjunto das suas forças associadas, o grupo do Leão abrisse um curso publico de desenho.

O desenho artistico, como os artistas sabem, está por fundar em Portugal. O que sob esse nome se ensina nos lyceus e nos collegios de educação não é mais do que a perversão viciosa e systematica do sentido natural das linhas e da natureza real das fôrmas. Quando os nossos pintores principiarem a aprender a ensinar elles reconhecerão que é esse o melhor meio de saber. Quando duas mil pessoas em Lisboa souberem desenhar, os artistas verão sahir d'entre si, naturalmente, como um producto fatal do meio, o grande mestre que tem de as ensinar a elles.

Nenhuma verdadeira escôla d'arte vem dos governos nem das academias fundadas pelos governos. Foi de pequenos grupos d'artistas, como o do chamado do Leão, que sahiram as escôlas famosas de Roma, da Colonia, da Flandres, da Hollanda. De que modo? Primeiro pelo conjunto de um esforço de estudantes creando um publico e creando um mestre; depois pela influencia de um mestre formando discipulos. É a historia das escôlas de Raphael e Miguel Angelo na Italia, das de Murillo e de Velasquez em Hespanha, das de Claudio Loreno, Poussin e Watteau em França, da de Rubens em Anvers, da de Van Eyck em Bruges, da de Lucas Jacobsz em Leyde, da de Franz Hals em Haarlem, da de Rembrandt em Amsterdam.

Emquanto, por effeito da iniciativa dos artistas na instrucção do publico, não houver na camara dos snrs. deputados vinte representantes da nação que saibam empunhar um lapis, emquanto no ministerio não houver tres, dois, um ministro pelo menos, que saiba não direi fazer um quadro mas vél-o, — das regiões officiaes não baixarão nunca senão desastres para a educação esthetica do povo e para o destino da arte.

Nunca haverá um museu decente, embora o snr. D. Fernando por um exacerbamento de boa fé, de que o devemos considerar

definitivamente curado, recomeçasse agora a ceder para esse fim vinte contos de reis da sua dotação annual, como fez em 1865, 1866 e 1867, sabe-se com que resultado!

A representação nacional continuará a reunir-se n'esse reles barbação de S. Bento, absolutamente incompatível com a dignidade parlamentar de um paiz limpo, e cuja decoração nem para um picadeiro se aproveitaria em qualquer outra capital da Europa.

O snr. Fontes continuará a dar as suas recepções de apparatus do ministerio da guerra n'um gabinete mobilado com tal gosto de mognos, de tapetes e de cortinas que nenhum barbeiro de Francfort ou da Haya o quereria com obrigação de se sujeitar ao vexame de receber n'elle como em casa propria um freguez da sociedade.

As idéas, finalmente, manter-se-hão ao nivel das coisas que tão elevadamente as inspiram, e, sem uma larga base de ensino, que aos artistas compete fundar, a arte portugueza não passará jamais de uma curiosa planta de redoma destinada a degenerar e a fene- cer ao menor contacto do estado ou do publico.

RAMALHO ORTIGÃO.

PATHOLOGIA DA VONTADE

(Conclusão)

Entre o reflexo opto-estriado e a actividade ideo-motriz existe um estado de consciencia que representa a transição entre aquellas duas modalidades do reflexo primitivo. Dependendo de um grupo de condições mais elevado que os phenomenos motrizes que derivam dos centros inferiores, este estado de consciencia é talvez a expressão em globo da actividade de todos os zoonitos admittidos por Durand (de Gros), uma condensação de todas estas consciencias rudimentares que se localisam nas differentes secções da cadeia cerebro-rachidiana; traduz um modo de ser embryonario da volição, que se caracteriza pela sua instabilidade, intensidade de momento, decahindo pela acção de sensações de natureza variavel e extinguindo-se com a evolução dos processos cerebraes de uma ordem mais elevada. É frequente nos selvagens, no homem civilizado durante a primeira infancia e nos anthropoides mais proximos da nossa especie a manifestação d'esse estado de consciencia em que os movimentos não se subordinam senão a esta modalidade da faculdade volitiva. O organismo reflecte-se na intensidade d'esta actividade e a acção muscular segue quasi immediatamente ás sensações periphericas.

Uma analyse muito minuciosa encontraria nas manifestações d'esta actividade muitas variantes no que diz respeito á duração, rapidez de movimento, intensidade do estado consciente e outros

caracteres distinctivos. Effectivamente, esta actividade, que se modifica consideravelmente até á transformação em uma actividade superior pela educação, pela aquisição de certos habitos e especialmente pelo desenvolvimento da *atención espontanea*, manifesta-se com um grau de malleabilidade variavel no homem e durante a primeira infancia, nas diversas raças civilisadas, nos selvagens segundo são nomadas ou não e nos anthropoides conforme a raça especial a que pertencem. Estas variantes, que a psychologia comparada accêita, indicam que mesmo na phase embryonaria da actividade psychica a evolução dos processos cerebraes é lenta, gradual, seguindo-lhes immediatamente, como continuação natural e necessaria, um novo grupo de processos nervosos correlativos de uma actividade ideo-motriz.

N'este grupo de funcções mentaes a tendencia para o movimento está na razão inversa da tendencia para a formação das ideias abstractas. Quanto mais elevado é o processo genetico da ideia tanto menos energicos e menos intensos são os movimentos promovidos por esta funcção psychica. Isto não importa dizer que o movimento não existe, porque se assim fosse a constituição e a permanencia dos actos cerebraes seria impossivel. Effectivamente, a noção do movimento prende-se intimamente com a noção da ideia, não pôde existir uma funcção psychica sem o seu correlativo physiologico. Conhecemos o volume, a fôrma, e as dimensões de um corpo porque o sentido muscular nos dá a noção do tempo empregado por um órgão a percorrer de um ponto a outro; as ideias do espaço e do tempo constroem estas propriedade physicas da materia, mas para que se obtenha a consciencia d'estas propriedades, para que comprehendamos as series de actos successivos e simultaneos é necessario que o sentido dos musculos nos diga qual a grandeza dos movimentos que foram necessarios para que um órgão ganhasse uma certa extensão durante certos limites de duração. Ora é evidente que as idéas, por mais abstractas que sejam, são sempre representações materiaes, e quanto mais variadas e complexas forem as modificações das ideias abstractas tanto mais complicadas serão as representações objectivas, palpaveis, d'essas ideias. Isto quer dizer que o movimento não se extingue senão aparentemente, d'onde se conclue que a lei que estabelece um correlativo physiologico a cada um dos actos de consciencia é sempre verdadeira. O que se pôde assentar como certo é que o movimento segue uma evolução correspondente á ideia: torna-se abstracto, espiritualisa-se, ganhando talvez a maxima transparencia na cerebração inconsciente originada por uma abstracção exagerada.

Debaixo do ponto de vista que as ideias, mesmo as mais ab-

stractas, são sempre acompanhadas ou seguidas de movimentos variados, podemos dividil-as em diferentes grupos caracterizados pela promptidão dos movimentos consecutivos, variedade e numero d'estes. Assim, ha certos estados de consciencia que se traduzem por actos impulsivos, extremamente intensos. Estes actos, como os que pertencem a outros estados de consciencia, podem ou não ser conscientes e manifestarem-se no aparelho da vida animal ou da vida organica. Em qualquer orgão que se manifestem, estes movimentos dependem de condições proprias do individuo e estão sujeitos ao meio cosmico e social em que o individuo se encontra. Da intensidade e especie da sensação depende principalmente a *mise-en-scène* de uma determinada especie de movimento, e é notavel que ás vezes a mesma sensação em um individuo promove efeitos exactamente contrarios. N'estes casos a differença da receptibilidade em épocas diversas é promovida pela emoção, cujos graus d'intensidade variam consideravelmente de um instante para o outro.

D'esta especie d'actividade ideo-motriz passa-se insensivelmente para uma fórma mais elevada, mais nobre, em que os movimentos perdem o caracter impulsivo, decrescem em intensidade apparente, traduzindo-se em geral por modificações organicas que fogem á nossa observação de momento. Este estado distingue-se principalmente pela falta de relação entre as sensações recebidas e os movimentos consecutivos, simulando uma especie de independencia da parte da consciencia relativamente ás impressões exteriores, um absolutismo da acção de uma faculdade hypothetica. Esta ausencia de concordancia do phenomeno motriz com a ideia e a ignorancia de que não é a ideia que se transforma em movimento mas sim o estado physiologico correlativo do phenomeno mental que se manifesta de um modo variavel conforme a impressão recebida pelo sensorio, obrigaram os psychologistas antigos a architectar uma faculdade volitiva com todas as qualidades de um poder despótico, completamente estranha a quaesquer modificações da sensibilidade e da intelligencia. É evidente que a criação da *vontade* como faculdade independente provinha tambem de que se ignorava que os estados de consciencia, qualquer que seja a sua força, podem resultar não só de sensações de occasião como assim de impressões latentes, condensadas no sensorio e libertadas por uma sensação peripherica de qualquer natureza ou por um outro estado de consciencia. É só assim que se pôde ter uma noção exacta do ultimo grupo de ideias, — as ideias abstractas, — em que a tendencia para o movimento apparente decresce consideravelmente.

Uma analyse rigorosa d'este capitulo da psychologia normal nos obrigaria a considerações muito extensas sobre a genese e trans-

formação das ideias abstractas, sua dependencia necessaria dos phenomenos da sensibilidade e sobre as leis de desintegração dos movimentos que acompanham as funcções mais altas da vida mental.

O quadro resumido de toda a serie evolutiva de reflexo primitivo que acabámos de apresentar dispensa-nos de mostrar á luz de novos argumentos que o movimento, a qualquer ordem que pertença, é sempre a transformação de uma ou muitas impressões, transformação que se póde dar immediatamente á sensação recebida ou no fim de um periodo mais ou menos longo conforme a energia da conservação das impressões que o organismo possuir. É n'esta differença do tempo empregado em manifestar o movimento, apparente ou não, que se resume a superioridade e a natureza do reflexo e do grau da actividade ideo-motriz. Na massa homogénea do protoplasma a sensibilidade encontra-se em fusão com os phenomenos da motilidade; a *irritabilidade*, que traduz este amalgama, manifesta-se por continuas integrações e desintegrações da materia organica promovidas pela acção constante dos agentes exteriores. No reflexo o mais rudimentar, primeira differenciação d'esta massa homogénea, a irritabilidade como que se divide, a impressão e o movimento não são simultaneos, o segundo succede á primeira em mais ou menos tempo conforme o grau da evolução ulterior do reflexo. E assim, observando toda a longa serie de movimentos automaticos, analysando todas as variantes dos reflexos cerebro-rachidianos, chegamos á conclusão que as manifestações inferiores como as mais elevadas d'esta actividade motriz não são mais do que modos de ser da sensibilidade, modalidades que umas vezes se apresentam sob a fórma de movimentos glandulares, outras de contracção da fibra muscular lisa e finalmente em movimentos da vida animal. N'estes reflexos o centro da recepção das impressões representa um papel secundario, não possui como o centro da ideação o poder de conservar a impressão sem a transformar mais ou menos rapidamente em phenomeno de motilidade, arrastando a manifestação posterior d'este ultimo pela libertação de um certo numero de sensações conservadas. É este o caracter distinctivo da actividade ideo-motriz: a impressão recebida vae-se juntar ás sensações que formam a memoria e o movimento resulta do estado physiologico correlativo que acompanha a transmissão da impressão.

Ao contrario do que se dá com os reflexos, na actividade ideo-motriz, o centro da recepção fica em primeiro logar pela sua importancia porque não só transforma uma sensação antes de manifestar o movimento como tambem, umas vezes arrasta os phenomenos de motilidade sem que á intensidade d'estes corresponda as impressões d'ocasião e n'este caso o acto se explica pela existencia de

ideias conservadas no sensorio, e outras vezes os movimentos seguindo o caminho da menor resistencia, propagam-se pelos apparatus organicos, dispersam-se por todos os orgãos, parecendo apparentemente que o que distingue a actividade ideo-motriz é a ausencia de concordancia dos phenomenos do movimento com o grau da intensidade das impressões sensitivas.

Em ultima analyse, a vontade ou a actividade ideo-motriz, em qualquer dos graus em que a considerarmos, não é mais do que a representação de um modo de ser da sensibilidade. Esta cria um estado de consciencia em um dado momento e a traducção exterior d'este estado de consciencia é que constitue o acto apparentemente voluntario; d'onde se vê que, para se admitir a volição independente, era necessario que as impressões periphericas não se localisassem no sensorio, não formassem o corpo de ideias que constituem a memoria, que as sensações posteriores não fossem despertar as mais antigas e que finalmente pela associação das ideias não podessemos despertar em um dado instante novos estados de consciencia iguaes aos que poderiam promover as sensações objectivas. Na ideação a mais abstracta póde-se dizer que as sensações exteriores se apagam para darem logar ás sensações antigas, ás ideias já constituidas, aos estados de consciencia anteriores. É este o seu caracter particular.

Posto isto, de que dependem as doenças da vontade, ou antes, quando e como estas se manifestam? Depois do que expendemos, é evidente que a pathologia da vontade é a pathologia dos nervos centripetos, do cerebro ou dos nervos motores. Uma alteração anatomico-pathologica de qualquer d'estes orgãos, debaixo de certas circumstancias, arrasta necessariamente uma alteração mais ou menos consideravel na faculdade volitiva.

É sabido que os nervos sensitivos, qualquer que seja a doutrina que pretenda explicar a corrente nervosa, soffrem como qualquer outro orgão animal diversas variantes na sua funcção. Uma vez a propagação da sensação peripherica é feita com maior rapidez, outras é mais demorada e casos ha talvez em que se extingue completamente sem que se manifeste immediatamente a morte somatica. Estas alterações podem-se dar quando a lesão pertença ao nervo ou á sua terminação. Supponhamos que a terminação do nervo, conservando-se sem alteração, o nervo centripeto propague a impressão com rapidez superior á normal. É evidente que n'estas condições o cerebro recebe na unidade do tempo maior numero de impressões que deveria receber; estas impressões vão-se juntar aos estados de consciencia já constituidos, manifestando-se por conseguinte em um dado momento um numero superior de novos estados de consciencia: são as *allucinações da vontade*.

Se a força da propagação se exagera, se as impressões se succedem com uma rapidez extraordinaria, é claro que o cerebro é subjugado pelo numero consideravel d'estas sensações e os estados de consciencia anteriores, os que se haviam constituido a pouco e pouco pela accumulção das impressões antigas, são como que comprimidos, obrigados á inacção completa. N'estas condições pôde-se avançar que se apaga o phenomeno ideo-motriz para dar logar a um reflexo cerebral.

Admittamos porém um caso em condições inversas, isto é, em que a corrente nervosa percorra o nervo sensitivo em menos tempo do que no estado physiologico. Apresentam-se então phenomenos oppostos; os estados de consciencia formam-se tardiamente e entre os movimentos que os traduzem exteriormente e a impressão peripherica o organismo como que fica suspenso para uma certa ordem de funcções. O doente tem a consciencia do seu estado porque o cerebro, encontrando-se normal, funciona com o arsenal de ideias accumuladas independentemente das impressões d'ocasião. É assim que muitos individuos confessam a demora na recepção das impressões, outros queixam-se de que a sensação é fraca e alguns de que a recepção se faz por fragmentos. N'estas condições, existe um estado de consciencia que mostra ao doente a anormalidade do seu systema nervoso peripherico, mas não se manifesta ao mesmo tempo outro estado de consciencia relativo ás impressões que recebeu. O primeiro fórma-se á custa das ideias existentes, o segundo, que é differente do primeiro, precisa das sensações da occasião. Nasce d'aqui o notavel phenomeno do conhecimento da impossibilidade para uma certa acção, a consciencia de que o movimento é impossivel em um determinado momento.

São muito conhecidos os casos de allucinações e depressões da vontade relatados nos trabalhos de Luys ¹, Guislain ², Trousseau ³ e Billod ⁴. A leitura attenta d'essas observações mostra evidentemente que o estado pathologico da vontade não é, em ultima analyse, senão a manifestação doente das funcções das fibras nervosas centripetas, dos centros sensitivos ou motores correlativos das funcções psychicas ou finalmente dos cordões nervosos encarregados de produzirem a contracção dos musculos ou a secreção das glandulas. É

¹ Luys — *Doenças mentaes.*

² Guislain — *Lições oraes sobre as phrenopathias.*

³ Trousseau — *Clinica medica.*

⁴ Billod — *Doenças mentaes e nervosas.*

verdade que muitas vezes o exame anatomo-pathologico não verifica a lesão que devia existir, mas esta ausencia da contraprova não quer dizer que a lesão não exista, mas sim que os meios ao nosso alcance são deficientíssimos. Poucas são as doenças nervosas que tenham já bem descriptas as suas alterações materiaes e é sabido que outras doenças ha, sem serem nervosas nem mentaes, cuja anatomia pathologica é ponto de discussão.

Voltando, porém, aos casos de *depressões* da vontade, ha factos d'esta ordem que são devidos á imperfeição da recepção das impressões pelas terminações nervosas. É assim que a pelle, que além da sensibilidade tactil, possui a do peso e a sensibilidade thermica, apresenta-nos o phenomeno singular da possibilidade de recepção de uma das tres impressões e a impotencia absoluta para a recepção das outras duas, e vice-versa. Dissecamos as terminações nervosas epidermicas, os corpusculos de Pacini e os de Meissner e encontramos pela destruição das primeiras a perda da sensibilidade tactil, e quando se manifesta a perversão ou morte da sensibilidade thermica ou de peso a lesão assenta nos corpusculos de Pacini ou nos de Meissner ¹. Com a perversão de qualquer d'estes modos de ser da sensibilidade apparece a perversão do movimento que as impressões tactis, thermicas ou de peso deveriam promover.

As impressões chegam ao sensorio em menor escala e consideravelmente modificadas. N'estas condições dá-se o phenomeno já descripto da impossibilidade da formação de estados de consciencia no momento em que normalmente se deveriam manifestar e o conhecimento d'esta impossibilidade por outros estados de consciencia que resultam das ideias accumuladas.

Eguaes considerações poderíamos fazer relativamente aos nervos do movimento.

Restam agora as modificações anormaes dos centros sensitivos e motores do cerebro acompanhando ou não as doenças da vontade. Muito se tem estudado ácerca dos estados physiologicos correlativos das funcções mentaes, os materiaes accumulados para se poder determinar esses estados physiologicos são consideraveis, porém, apesar d'isso, as hypotheses n'este assumpto fervilham de um modo notavel, e as observações são tão desencontradas que difficilmente poderemos dar credito a uma grande parte d'ellas. Porém, presentemente, a escola de Charcot e de Ferrier começa a elevar-se a um nivel superior ao das outras e a tendencia moderna favo-

¹ Duval — *Physiol. do syst. nervoso* (1.º fasciculo).

rece esta predominancia que assenta sobre o methodo experimental. Ferrier ¹, como Charcot e Pitres, admite centros motores e centros sensitivos, accrescentando a hypothese de que em certos pontos dos hemispherios frontaes deve estar localisado o poder da *at-tenção*. Se esta ultima hypothese não tem argumentos que a verifiquem, a theoria das localisações cerebraes assenta, ao contrario, em factos experimentaes como tambem em um grande numero de observações clinicas.

E o que nos ensina esta theoria? Simplesmente o conhecimento de que as doenças da vontade, sob qualquer das suas fórmulas, podem ser produzidas pelas lesões nos centros sensitivos ou motores independentemente do estado physiologico das restantes partes do systema nervoso. Uma lesão no terço médio da circumvolução ascendente arrasta a impossibilidade dos movimentos da mão e do ante-braço, a existencia de um derrame sanguineo ou de um tumor na extremidade inferior das duas circumvoluções ascendentes promove a perda dos movimentos da parte inferior da face e d'ahi a dificuldade consideravel da expressão das emoções, a destruição da circumvolução de Broca importa a manifestação da aphasia. Isto pelo que diz respeito a alguns dos centros motores. Phenomenos analogos se observam quando as alterações assentam nos centros sensitivos; muitas vezes as lesões assentam nas fibras nervosas que communicam os centros com o aparelho estriado, o que promove as mesmas consequencias.

Um individuo com uma qualquer das lesões apontadas tem a consciencia da sua impossibilidade, quer a lesão assente em um centro sensitivo, quer em um centro motor, com a differença que no primeiro caso não se fórma o estado de consciencia que devia promover o movimento porque as impressões periphericas são pervertidas ou apagadas pelo centro sensitivo doente e por onde ellas deviam passar; no segundo fórma-se o estado de consciencia a que nos referimos, mas ha a impossibilidade da sua traducção em movimento. Em qualquer d'elles, embora as lesões sejam diferentes, a impossibilidade se manifesta ás vezes da mesma maneira, phenomeno frequente quando o doente perde tambem a consciencia da sua impossibilidade.

Estas e outras considerações que poderíamos fazer revelam-nos com toda a clareza que as doenças da vontade não são mais do que doenças das diferentes modalidades da sensibilidade. Não ha

¹ D. Ferrier — *O Cerebro*. — Localisações das doenças cerebraes.

uma pathologia da vontade, não existem alterações de uma faculdade volitiva; a volição, sendo um estado de consciencia em um dado momento, traduzindo-se immediatamente ou não por um acto, é evidente que se não póde admittir uma doença d'esse estado de consciencia mas sim doenças dos órgãos ou dos factores que o promovem; a volição é uma resultante de um grande numero de forças e por isso é claro que as alterações d'estas devem arrastar modificações correspondentes n'aquella, e de fôrma alguma se póde comprehender que um desequilibrio se possa manifestar na primeira sem que seja promovido por um desequilibrio anterior das ultimas.

Fica, pois, de pé o que avançamos no principio: não existe uma *pathologia da vontade*, existem doenças da sensibilidade em qualquer das fôrmas da sua manifestação, quer se revelem por alucinações, depressões ou finalmente pela impossibilidade absoluta da formação de estados de consciencia em um determinado momento.

SILVA TELLES.

ENSAIO DE PREHISTORIA

DA

LITTERATURA CLASSICA ALLEMÃ

I

O movimento ascendente da litteratura classica da Allemanha começa pelo meado do seculo passado. O encadeiamento natural de causa e effeito chega sómente até Leibnitz. Ahi tornam-se mais tenuês os fios da ligação dos factos, que parecem de todo quebrar-se com a miseria da guerra dos trinta annos. Então encontram-se nomes, que hoje nada significam. Só em Luthero é que se depara de novo com uma figura viva e imponente.

Entretanto, se olhamos para o que se dá, n'esses mesmos tempos, em outros paizes da Europa, encontramos um Ariosto, um Cervantes, Shakspeare, Spinoso, Molière, etc., nos quaes — importa confessar — repousa uma grande parte da vida espirital allemã.

Para comprehender o espirito tedesco em seu desenvolvimento, é mister lançar a vista sobre os grandes phenomenos do mundo, em que elle se envolveu; sem o que não se fórma um quadro perfeito, nem uma justa ideia da coisa.

Não se trata aqui de narrar a marcha da cultura europeia, que precedeu a idade classica da Allemanha; trata-se apenas de indicar os principaes motivos, que n'essa época exerceram influencia sobre o espirito geral.

A direcção cosmopolita, que se apresenta como sendo o característico decisivo d'aquelle tempo, apparece logo com a primeira entrada dos allemães no mundo cultural, porém associada á direcção contraria. O cosmopolitismo, que tinha o seu centro em Roma, no Estado e na Igreja, nas fontes do direito e na sciencia, influiu sobre os allemães tão *repugnante*, como *attrahentemente*. Elles tinham necessidade de cultura, e por este lado Roma os atrahiu; mas tinham tambem um forte sentimento do caracter proprio da sua raça, e n'este ponto protestaram contra Roma. Os povos germanicos, que haviam sujeitado as provincias romanas, foram successivamente subordinados á cultura superior dos vencidos, os seus idiomas romanisaram-se. Estas nações romanicas, que receberam de Roma a sua lingua, puderam tambem facilmente appropriar-se a religião e o direito que Roma lhes trouxera.

Os allemães na patria cuja lingua nunca supportou o jugo romano, sentiam-se avessos a esta civilisação cosmopolita, por elles apenas meio comprehendida; e por isso eram tidos, aos olhos de seus proprios reis, que restabeceram o imperio, como semi-barbaros. Os Ottões e os Salios dominaram vigorosamente na Italia; a Igreja deveu-se-lhes sujeitar; pelo que foi por elles protegida como poderoso instrumento contra as nações romanicas.

Gregorio VII foi quem primeiro mudou este estado de coisas: — fez-se senhor absoluto da Igreja, que elle reformou completamente, empregou os reis de França, as cidades italianas e os pequenos principes allemães, como outras tantas armas contra o imperador, e abriu d'est'arte a lucta historico-universal, que durou dois seculos, e terminou pela victoria do papado.

Sem duvida, Gregorio não creou nada de novo, mas transformou com mão firme a velha praxe ecclesiastica em um systema fortemente compacto. Por meio do celibato separado do povo, e ligado a Roma por uma rigorosa obediencia, o clero secular era, como o monachismo, obrigado á vida santa, que renunciava a natureza. Só para elle existiam os tres votos de *pobreza*, *castidade* e *obediencia*; mas em compensação elle era a classe culta, a classe instruida.

Quanto aos leigos, podiam-se entregar aos seus costumes impuros, ao seu casamento, aos seus prazeres mundanos, ás suas luctas; apenas tinham de dar contas á Igreja da sua impureza, por meio de *boas obras*: — o jejum, a maceração da carne, a esmola, recitação do rosario, os donativos, a guerra contra os infleis.

Os santos haviam feito mais do que Deus ordenára. Este accrescimento, esta hyperprodução de virtudes, a Igreja poz á disposição do peccador, se elle confessasse os seus peccados e fizesse a penitencia prescripta. A consciencia estava nas mãos do confessor, que *vis-à-vis*

do peccador era como o medico diante do doente: — ensinava-lhe o que lhe faltava, e prescrevia-lhe o remedio. Se este era tomado de accordo com os preceitos dados, a doença estava curada: — o peccado commettido desaparecia, ficava riscado do livro da vida; o peccador podia olhar tranquillo para o que tinha praticado. A Igreja estendeu a efficacia dos meios até além da vida mesma: — ella admitiu, com muita sabedoria, um estado intermédio entre a condemnação e a bemaventurança; e se n'este estado cessava a acção do morto, contudo as *boas obras* dos seus cá na terra ainda possuíam o poder de mitigar e abreviar o tempo do soffrimento. D'este modo a Igreja pôde penetrar por todos os lados na vida dos leigos.

N'esta época começam as cruzadas; ellas duram justamente tanto tempo, quanto a grande lueta entre o Papa e o imperador. Desde o seculo VIII a onda impetuosa dos sarracenos tinha encontrado um dique; a antithese do mundo mahometano e do mundo christão se havia pouco a pouco enfraquecido; a expedição ao Oriente era provocada pelo papado, e trazia logo de principio uma feição phantastica. O realismo dos allemães mostrou-se estranho a estes ideaes, só lentamente puzeram-se elles em movimento; e não deixaram de protestar contra a nova cultura cavalheiresca, como cujos representantes se armaram os francezes, juntamente com os seus affins, os provençaes e os normandos. Os novos reinos francos no Oriente foram fundados *d franceza*, paladinato e feudalismo foram tambem *francezamente* concebidos.

Nenhum povo é tão accessivel ao enthusiasmo, como o povo francez; nenhum tão facil de ficar fóra de si, nenhum tão prompto em dar a esta emoção uma fórma culta, de convertel-a em *bom tom*, de reduzir-a á *moda*. Originariamente provocado pelo enthusiasmo, o *cavalheirismo* tornou-se logo *regra e conveniencia*: — prescrevia-se a maneira, por que se devia ser devoto, leal, bravo, e até mesmo o modo de ser libertino. Nas interessantes *córtes de amor* de Provença, não só o amor, como tambem o adulterio, foram tratados como uma arte, até que os francezes do norte, cheios de zelo pela Igreja, calcaram aos pés essa vida de prazeres.

O *cavalheirismo* mantinha-se pelo *bom tom* muito arredado do povo. Quem recebia o cunho de cavalheiro, devia obrigar-se á proscução de certos fins idealisticos. As tradições da santa amphora, que guardava o sangue de Christo, da tabula redonda do rei Artus, dos *pares* de Carlos Magno, formavam uma especie de mythologia; e mesmo na Allemanha os poetas cortezãos de primeira ordem se esforçavam por sentir *romanicamente*, em completa opposição á natureza tedesca.

O povo allemão porém sentia por outro modo. Elle via-se obrigado a interpretar os novos ideaes, que se lhe infiltravam, e ainda

assim, por detraz dos symbolos estranhos, appareciam-lhe as velhas ideias patrias. Os antigos deuses continuavam a viver em sua alma; sómente o christianismo os tinha lançado na sombra.

II

O christianismo — é verdade — precipitou as antigas divindades de seus thronos; mas todos os deuses, como diz Adolpho Stahr, são immortaes, até mesmo os deuses pagãos. Como porém o christianismo, que quebrou as suas imagens e abateu os seus santos carvalhos, não pôde matar os deuses mesmos, deliberou degradal-os, fazendo d'elles demonios, e espiritos malignos. Assim a velha deusa *Holda*, a benefica protectora dos vergeis floridos, foi primeiro transformada em uma *diaba*, que vivia nos subterraneos, — um sêr pernicioso, uma feiticeira. Depois, quando a litteratura latina nas mãos dos padres se ligou com a nova religião para a guerra de aniquilamento contra os antigos mythos, — da velha diva germanica fez-se uma segunda Venus, o conjuncto de toda a sensualidade, que afasta o homem de Deus. Mas quasi tudo em vão.

O mais precioso testemunho da *maneira* allemã, o *Nibelungenlied*, unico poema da idade media, que ainda hoje vive e continúa a operar com a primitiva força, mostra intuitivamente a velha selvageria dos germanos, seu amor e sua lealdade. Aquelles caracteres mixtos, Krimhilde e o furioso Hagen, pertencem em proprio aos allemães. Do christianismo sabe-se apenas alguma coisa por meio de typos accessorios, que representam um pobre papel. Os *Nibelungen* não são sómente figuras pagãs, porém figuras do norte em opposição aos heroes de Homero e aos sêres fabulosos da tradição romanica, que nasceram debaixo de um céu mais limpo e sereno.

Paris, o fóco da cultura cavalheiresca era tambem o fóco da philosophia de então, a philosophia escolastica. Era ahi que os doutores d'esta eschola vinham receber o ultimo polimento. Elles consideravam como seu problema systematisar os dogmas da Igreja christã e tornal-os accessiveis á comprehensão do mundo. Para isso serviam-se das categorias aristotelicas, taes e quaes haviam sido afeiçoadas, no curso dos tempos, por gregos e latinos, por judeus e arabes.

Nos dogmas havia muita coisa que parecia contradizer a razão : — uma *essencia*, e tres pessoas; filho gerado *ab æterno*; a incarnação do verbo, etc.

Com uma sagacidade enorme e uma extraordinaria riqueza de espirito, os escolasticos se esforçaram por provar que uma reflexão mais profunda descobria que estes conceitos eram não só muito criveis, como até necessarios; e trataram então de resolver questões como estas:— o que é a *substancia*, o que são os *accidentes* d'uma coisa? Como se mantêm entre si os conceitos da *unidade* e da *pluralidade*, do *esse* e do *fieri*, do *tempo* e da *eternidade*?

O fundador d'esta eschola, no meiado do seculo ix, deu impulso ao rigoroso partido ecclesiastico. A exigencia de concordia entre a fé e a razão, parecia-lhe suspeita. Ella não cedeu facilmente:— ainda no anno de 1140, Abelard, o celebre professor universitario de Paris, foi condemnado por causa de inclinações hereticas. Mas no meiado do seculo xiii chegou-se a um perfeito accordo. Assentou-se na formula geral— que deve a fé ir na frente, mas importa caminhar até os limites do saber; todas as artes e sciencias devem ser penetradas do espirito da theologia, pois que no intimo de todas as cousas vive Deus. Completo dominio, n'este terreno, adquiriu Thomaz de Aquino, que se doutorára em Paris em outubro de 1257, e cujo systema de harmonia da fé e da razão foi espalhado pelos dominicanos sobre todo o Occidente.

Os escolasticos passavam pela classe culta da época, e sua lingua, a latina, que elles cultivavam como se fosse viva, tornou-se a lingua geral do mundo sabio, ao passo que em França e na Allemanha os poetas se serviam dos idiomas patrios, que de dia em dia mais se reforçavam.

Com a queda dos Hohenstaufen cessou a significação do imperio; se os imperadores emprehendiam uma expedição romana, era simplesmente calculo commercial. Na Italia consideravam-se os allemanes sómente ajnda como soldados de profissão, que se deixavam pagar. Na patria porém elles viviam para si;— prosperamente sem duvida, mas pouco em contacto com a cultura europeia. As relações sociaes tinham uma feição inteiramente burgueza; todo o progresso repousava nas cidades, no commercio e nas corporações de officios; a *hansa* era a força impulsiva da Allemanha. Até as artes eram cultivadas pelo corpos de mesteres, as personalidades artisticas escondiam-se antes do que se apresentavam. A architectura começava a florescer, e a poesia entrava no canto dos operarios.

Ao mesmo tempo, com S. Luiz, terminaram as cruzadas; o paladinato degenerou em apparencia vã; Philippe o Bello, o homem da nova época, mostrou rudemente ao papa, que se lhe oppoz, com o sentimento da sua omnipotencia, o direito do mais forte; uniu-se porém ao seu successor em sociedade commercial:— a Egreja entregou-lhe a ultima herança da velha cavalleria, os *templarios*, e rei e o papa repartiram os seus bens.

Os papas em Avignon (1308-1374) puzeram-se a serviço dos interesses francezes, e Dante, um crente catholico á maneira de Thomaz de Aquino, mas tambem gibellino apaixonado, não hesitou em arrojarse no inferno um d'estes papas de intuição franceza.

Na *Divina Comedia*, ainda uma vez a época medieva concentra-se n'uma fôrma grandiosa. Dante é o maior poeta depois dos antigos; um mestre da lingua, para a qual elle conquistou uma posição autonoma; como pensador, uma alma profunda, que nos prende, ainda quando em vão nos esforçamos por segui-lo. As sombras que elle evoca, parecem-nos interrogaveis, mas de repente, como Francesca de Rimini, são levadas por um turbilhão. A estrutura dos seus tres mundos repousa sobre firmes alicerces; contudo sentimo-nos ali muito menos bem do que no Olympo. A *Divina Comedia* é um legado precioso, para representar-se uma época longinqua; o bater do seu pulso porém, assim como os seus ideaes, tornaram-se para nós de todo estranhos, do mesmo modo que o systema philosophico de S. Thomaz.

Para os italianos, esse poema, que elles ainda hoje estudam com certa veneração, foi um renascimento. Foi, por assim dizer, o signal que os convocou para serem, por dois seculos, a nação dominadora da Europa.

Não muito tempo depois de Dante, no meiado do seculo xiv, duas poesias da nova lingua italiana fizeram a viagem do mundo: — os sonetos a Laura, a mais ubertosa expressão de amor adorante, e o *Decamerone*, a interessante collecção de aventuras amorosas, as mais singulares que imaginar-se pôde, segundo fontes francezas, latinas, provençaes, até persicas e indicas, mas todas reafeiçoadas no espirito da renascença italiana.

Petrarcha e Boccaccio, mais tarde, não quizeram dar muito por estas obras juvenis, que aliás os immortalisaram. Elles tinham ante os olhos um alvo superior: o renascimento da antiguidade. Petrarcha era uma forte natureza; soube fazer-se o homem festejado de toda a Italia e communicar o seu enthusiasmo a todos os espiritos cultos. Este enthusiasmo pelo esplendor da velha Roma abrangia com igual amor a republica e os Cesares, os deuses da Grecia e a santa Igreja.

Petrarcha havia servido aos papas em Avignon; foi amigo do tribuno romano Rienzi, e deixou-se coroar como poeta, em Roma. Só no poeta elle reconhecia o homem completo; desprezava a lingua moderna e aprendia com Cicero e Virgilio a pensar e sentir classicamente. Como a cultura hodierna repousa, em grande parte, sobre o terreno da antiguidade classica, Petrarcha pôde ser glorificado como seu propheta.

O zelo, com que elle reunia os manuscritos dos velhos classi-

cos, transmittiu-se a toda uma escôla, — a dos *humanistas*, — que no domínio da cultura despediram os escolasticos. Elles adquiriram um merito immortal, por terem salvo uma grande parte dos antigos escriptores, e d'est'arte assentado as bases da civilização moderna. Fóra d'isto, a sua vida não foi muito agradável nem digna de inveja. Sempre agitados de uma quasi morbida ambição de gloria, elles andavam como *virtuoses* ambulantes da poesia e da eloquencia, e a final encontravam empregos nas chancellarias: houve papas, que de todo se lhes dedicaram, e junto aos quaes elles fizeram uma abundante colheita.

III

A Igreja mesmo experimentou em alta escala a influencia do humanismo, cuja força movente era o contraste entre a antiga intuição do mundo e a intuição medieva; era a antithese da glorificação hellenica do homem com o peccado original christão e a miserabilidade da creatura humana, a antithese da republica e do senso politico de Roma com as fórmulas aleijadas do feudalismo; era em summa a opposição levantada entre a *philosophia platonica* e a escolastica aristotelica.

A lingua official da Igreja, o latim, achou de novo os seus conceitos classicos, que contrastavam com as ideias christãs. As virtudes cardeaes, prudencia, justiça, fortaleza e temperança, estavam em pouca harmonia com a fé, esperança e a caridade; tão pouco se harmonisava a *mythologia* grega com as legendas fradescas. O Olympo que, na phrase de Henri Heine, tinha-se tornado um *lazareto*, desde que o Christo, pallido e sanguinolento, lançára a sua cruz sobre a mesa dos deuses, fazendo tremer as taças de ouro, em que elles se embriagavam de ambrosia e nectar, — o Olympo começava a povoar-se novamente de divindades sãs e expansivas. Com toda a sua maldade, a vida tinha alguma coisa de grandemente sereno; não se sentia a impressão desagradavel do limite convencional; olhava-se franco para o mundo, sem que, porém, se deixasse de ceder tambem ás mais loucas superstições.

As condições da Igreja, em que tudo parecia tomar uma feição mercantil, tornaram-se insupportaveis para a Europa, desde que, ao lado do santo padre em Avignon, houve ainda um santo padre em Roma. A Universidade de Paris deu o primeiro grito para a convocação de um concilio geral; e esse grito echoou por toda a parte. O papa tergiversou, em quanto pôde; a final, em Costnitz, acabou-se com o scisma, porém em compensação Huss foi queimado, e a

reforma da Igreja ficou adiada. O mesmo espectáculo deu-se em Basilea. A victoria dos turcos em Varna, a que seguiu-se a conquista de Constantinopola, determinou os principes e classes elevadas da Europa a se mostrarem condescendentes para com o papa, que prometeu tomar a direcção da nova guerra santa.

Mas foi baldado o esforço empregado em tal empresa, principalmente por Pio II (1458-64). O Oriente havia perdido a sua força de attracção; nem mesmo o minimo exercito de *defensores da cruz*, foi possível organizar, como outr'ora.

Os concilios tinham-se mostrado incapazes de promover o melhoramento das relações ecclesiasticas, mas haviam posto os humanistas italianos em contacto com os allemães. Pio II, Enéas Sylvio Piccolomini, talvez um dos homens mais cultos da Europa, tinha já em 1442, na chancellaria imperial de Vienna, trabalhado tanto pela guerra dos Turcos, como em prol do *humanismo*; — uma e outra coisa, porém, com pouco resultado. Sobre elle, bem como sobre alguns de seus contemporaneos, os tedescos tinham produzido uma impressão desagradavel. D'estes contavam então as mais singulares historias, e foi motivo de pasmo, quando encontraram no *paiz dos barbaros* uma cidade limpa e acieada. A semelhante antipathia dos italianos respondiam os allemães com igual desprezo: — elles os consideravam uns bréjeiros e tagarellas.

Os successores de Pio II foram de queda em queda, até que com Alexandre VI, Borgia, subiu á cadeira pontifical a insensatez absoluta. Seu governo teve um fim condigno: a 15 de agosto de 1503 o velho papa morreu de veneno, que elle preparára para outrem, seguiu-se-lhe na morte seu filho Cesar Borgia, o *virtuoso* do crime. Veio então o feroz Julio II, que fundou o estado ecclesiastico. Dois annos depois do seu fallecimento, 1515, Machiaveli escreveu o livro do *Principe*, que durante seculos tem sido um enigma para os mais sagazes interpretes. N'esse livro Cesar Borgia é apresentado como o modelo de um caracter principesco: — os meios, que elle empregou, — a deslealdade, o perjurio, o veneno, o punhal e o fogo, são recommendados aos soberanos; e isto não é ironia, porém amarga seriedade.

Machiaveli não era um phantasista, mas um estadista perfeito, um forte pensador, que nutria o seu espirito no estudo profundo da historia romana e florentina; elle cria ter descoberto uma lei natural, que excluia toda e qualquer medida ethica. Mas o grande pensador enganou-se no seu calculo. Elle não presentiu que com as nações politicamente constituidas entraram na historia forças elementares, que não podiam ser substituidas por artificios malignos.

Pela descoberta das duas Indias deslocou-se toda a constellação do mundo, o commercio universal não ficou mais reduzido á bacia

do Mediterraneo; e assim desapareceu a importancia das cidades italianas. O impeto irrequieto dos turcos impoz á politica dimensões mais largas; as nações formaram-se em pelotões de grandes potencias: — a Hespanha, a França, a Inglaterra, a Russia, a Suecia. Se Machiaveli tivesse lido Comines, teria visto em Luiz xi um principe, que na malvadez excedia o seu Cesar, porém dispunha de um material immenso, que elle empregava para attingir um fim certo e determinado.

Mais de cem annos gastaram os reis francezes em expellir os inglezes do terreno da França; agora sentiam-se dispostos a se entenderem no exterior. A expedição de Carlos viii através da Italia foi o primeiro abalo dado para a *renascença* italiana; Francisco i com a victoria de Marignano, 14 de setembro de 1515, justamente ao tempo da appareição do livro do *Principe*, foi o segundo. Logo depois da batalha de Marignano appareceram dois poemas, que encaravam o paladinato em um novo estylo: o *Orlando furioso*, de Ariosto, em Ferrara no anno de 1516, e na Hespanha, em 1519, o *Amadis*. Ariosto deu ao carnaval phantastico da cavalleria a fórma cortezã elegante, em que ella ficou sendo o entretenimento favorito da sociedade europêa. O romance hespanhol, ao contrario, parece, como diz J. Schmidt, ter tomado a sério o seu objecto: — o modelo de um paladino, que lucha com gigantes, feiticeiros, monstros e... turcos. Ambos os livros foram devorados e mais de uma vez imitados.

A antithese da *renascença* com a idade media mostrou-se principalmente na arte: — elle acabou com a gothica, que desde o meiado do seculo xii, sabindo da França se espalhára pela Europa, e na qual a idade media encontrára a sua mais nobre expressão.

Os mestres da *renascença* entram em scena com toda a sua personalidade. Desde 1500, são elles os homens salientes da época: — esculptores, architectos, pintores. Todos estão cheios da grandeza de sua vocação, elevados pelos ideaes da antiguidade. D'este quilate são Leonardo e Miguel Angelo. Elles acham enthu-siastas nas cidades livres, como nas côrtes dos principes. Até papas como Julio ii e Leão x interessam-se apaixonadamente por elles.

Em 1500 tirou-se de sob velhas ruinas o *Apollo* do Vaticano, em 1506 o *Laocoonte*. A 12 de maio de 1507 erigiu Miguel Angelo em Florença o seu *David*; seguiu-se o *tumulo dos Medicis*. Todo o publico da Italia tomou vivo interesse n'estas obras. Em 1508 trabalham ao mesmo tempo Miguel Angelo e Raphael nas grandiosas composições do Vaticano; Leonardo os precede com a *Céa*; vem logo após Ticiano e Corregio. Por essa mesma época a musica tambem começava a engrandecer-se. Era pouco antes da appareição

de Palestrina. Roma tornára-se n'esse tempo, como diz Emilio Nau-
mann, o alvo da aspiração de todos os musicos. Era a época dos
italianos Constanzo Festa e Giovanni Animucia, e do hespanhol
Christofano Morales, de Sevilha. Todos estes e ainda outros cultiva-
vam em Roma a sua arte, quer como discipulos de musicos já no-
taveis, quer como cantores e mestres de capella do papa. Depois
d'isto foi que surgiu Palestrina, cuja celebre *Missa Papæ Marcelli*
foi cantada pela primeira vez a 19 de junho de 1565, na *Capella*
Sistina.

É um erro querer derivar a arte do *renascimento* de um novo
despertar da fé christã. Ella é como todo o prazer do mundo sen-
sível, originariamente pagã, ou, para usar da bella expressão de
G. Sand, o *renascimento*, quer na arte, quer em tudo mais, é a *re-*
surreição da carne. Venus, Leda, Io, Danae e as outras imagens
mythologicas attrahem os artistas; elles não crêem mais nos mila-
gres das legendas, mas na belleza das fôrmas, que o céo do sul,
rico de côres, lhes apresentava em vivido esplendor. Copiavam os
symbolos christãos, mas envolviam-n'os no ideal humano.

Característico d'este periodo é o culto da *Madonna*. Já os escho-
lasticos o haviam preparado: — na viagem da alma para o empy-
reo Boaventura tinha dado um logar importante á influencia da mãe
de Deus. Duns Scotus (1302 em Paris) tinha celebrado a Immacu-
lada Conceição. Dante mesmo havia mostrado em Beatriz, como o
eterno feminino indica ao poeta o caminho do céo. Mas os produ-
ctos da pintura não se limitam a estes ideaes. As *Madonnas* de Ra-
phael, dizem os auctorisados, são de certo *mães de Deus*, porém já
não de todo conformes a uma tetrica religião de peccadores, a uma
religião de delinquentes.

(Continúa).

TOBIAS BARRETO.

A LINGOA ETRUSCA

O snr. Henrique Sweet, auctor de uma *History of English sounds* e de outras obras importantes de glottologia, publicou no jornal inglez *The Academy* (de 6 de Maio de 1882) um artigo intitulado *Prof. Bugge's Etruscan researches*, que tomo a liberdade de traduzir, para assim offerecer aos leitores da *Revista* uma pequena amostra de uma lingua inteiramente desconhecida do nosso publico :

«Á bondade do prof. Bugge, de Christiania, devo o poder dar aos leitores da *Academia* um breve resumo dos resultados que aquelle professor obteve nas suas investigações sobre o etrusco. Como o prof. Deecke chegou, creio eu, a conclusões em parte semelhantes, pôde-se asseverar bem que o prof. Bugge tornou primeiro conhecidos os resultados em duas Memorias que elle leu, uma em Setembro, outra em Novembro, do anno passado, perante a *Academia das sciencias de Christiania* (Videnskabs-selskab).

O prof. Bugge considera o etrusco como uma lingua indo-germanica, que occupa um logar particular, ligada com as linguas italicas, mas ao mesmo tempo mais vizinha do grego do que nenhuma outra das linguas da Italia, aindaque manifesta frequentemente relações especiaes com outros membros da familia indo-germanica. Mostra na sua estructura geral que se afastou mais cedo do typo original do que nenhuma outra das velhas linguas indo-germanicas,

poisque as suas inflexões tem frequentemente um caracter muito moderno, como no dinamarquez actual. Assim, o genitivo do plural, e muitos outros casos do plural dos nomes, formão-se pela addição da terminação casual ao nominativo do plural; nos verbos emprega-se muitas vezes a terceira pessoa do singular com muitos sujeitos.

Como exemplo do seu methodo, elle dá a seguinte leitura e interpretação de uma inscripção (Gamurrini, Appendice 912 bis) escripta sem divisão de palavras numa *patera* de Foiano, perto de Clusio:

eku dudiiatz rex-uva zel: es'ulzi pul des-uva purtisur-a pru-eunetur-a reketi.

Tradução latina: *Hanc civitatis rex* (i. é, *summus magistratus*) *munere ter functus pateram ponit ob magisteria [peracta], ob successus [quos] in administratione [habuit].*

Elle explica os vocabulos assim:

eku = « hanc ». A mesma origem pronominal no Osco.

dudiiatz = « reipublicæ », « civitatis », genitivo formado com a terminação *-alz*, em vez da qual tambem se encontrou *-als*. Relacionado com o umbrico *tuta*, etc.

rex pela fórma = lat. *rex*, mas sem o *s* do nominativo. Visivelmente applicado ao primeiro magistrado, que era nomeado, não vitaliciamente, mas durante um prazo definido, mais breve, provavelmente um anno.

-uva, tambem *-va*, particula enclitica, com valor emphatico. Provavelmente relacionada com o sanscrito *-u*.

zel: contracção orthographica = « *magistratu functus* ». Pertence a *zilad* = « magistratus ». Talvez de uma palavra correspondente ao latim *sella*, poisque a *sella curulis* era o signal distinctivo de um magistrado.

es ulzi, « tres vezes ». O suffixo *-zi* pertence ao grego *-ki*, *-kis* e tem a mesma significação. Tambem se escreve *eslz*. De *zal*, « tres », que está talvez em vez de *t(e) sar*; cfr. o sanscrito *tisras*, o antigo-irlandez *teora*.

pul = « pateram ». Noutras partes escrito *puln*. Provavelmente de um adjectivo que significasse « full » (= cheio), sanscrito *pūrna*, cfr. o anglo-saxão e o antigo-nordico *full*, o « filled goblet » (= copo cheio).

des = *tithēsi*. *uva* particula enclitica.

purtisur, plural de *purts'va*, que significa a posição occupada por um *purts'vana* ou *purdne* (Porsenna, prutanis), i. é, o mais elevado magistrado. Está o plural por causa do cargo ter sido oc-

cupado tres vezes. *purtisur* é regido da preposição *-a* = lat. *a*, aqui o mesmo que *post* = *propter* («por ter occupado»).

prueunetur plural = lat. *proventus*, i. é, «successus»; o plural porque se falla de muitas magistraturas. Regido da preposição *-a*. Está em vez de *pruvenetur*, como *eslz* em vez de *zels*, *eprdne* por *purdne*, e o grego *andrón* em vez de **n(e) rón*.

reke, de *rex*, a mesma palavra que o sanscrito *rājya*, gothico *reiki* = «regnum». *-ti* é um suffixo locativo identico ao grego *thi*. — ».

J. L. DE VASCONCELLOS.

A EVOLUÇÃO NA SERIE VEGETAL

(Conclusão)

As Algas formam um grupo numeroso vivendo no seio dos mares até grandes profundidades, notando-se, porém, n'ellas uma grande facilidade d'adaptação, impossivel nos Fungos pela sua condição parasitaria.

Deixando a habitação dos mares, as Algas se adaptaram á vida nos rios e nas fontes, como as Florideas; outras, menos exigentes, contentaram-se com um solo bastante humido e eis um primeiro indicio de adaptação á vida terrestre. Constituidas por laminas cellulares, arrastavam-se sobre a sua face inferior, terminando por emitir radículas com que se fixaram ao solo.

Taes seriam as fórmas progenitoras do grupo das Hepaticas.

Outras ainda, procedentes das Confervas, apresentavam as suas cellulas dispostas em séries longitudinaes formando thallos ou hastes, cujo crescimento se fazia pela extremidade livre e que ramificando-se, esboçavam fórmas superiores, troncos com raizes, ramos e folhas, conservando todavia a sua organização cellular interior e consistindo as suas modificações apenas nos caracteres externos.

Estes prothallos modificados, de que ainda hoje se encontram representantes nos Musgos, têm a propriedade de se reproduzirem por processo agame, propriedade que já podiamos encontrar nas Algas mais inferiores.

N'estes dois typos, Hepaticas e Musgos, que Hæckel agrupa

com os Fetos sob a denominação commum de Prothallophytas, encontramos uma grande differenciação dos seus órgãos, em eixo central, haste e raiz, e órgãos appendiculados, ramos e folhas.

O grupo das Hepaticas é o mais antigo e n'elle se observam vestigios característicos, indicadores da sua proveniencia.

Os Musgos apresentam mais elevada differenciação do seu systema vegetativo e notavel aperfeiçoamento dos seus órgãos reproductores, mostrando uma alternancia regular de gerações, sexuada e assexuada, o que os aproxima dos Fetos, comquanto no fundo não apresentem ainda uma differença essencial dos grupos immediatamente inferiores.

O sporo dá origem a um thallo, semelhante ao das Confervas, chamado Protonema, que indica a fórma primitiva da Alga, de que descendem.

A vegetação d'este thallo não termina com o apparecimento dos órgãos sexuaes, sendo pelo contrario susceptivel de subsequentes differenciações; o desenvolvimento cellular regularisa-se e as cellulas começam a apparecer sob a fórma de pequenas laminas, simulando folhas, sobre uma haste, que é sustentada por filamentos radiculares os quaes podem dar nascimento a novos grupos cellulares, iniciadores de novas plantas. Assim os Musgos se estendem em tapetes espessos, multiplicando-se activamente por diferentes propagações vegetativas, sem ser necessaria a intervenção dos órgãos reproductores, que só apparecem a largos espaços na extremidade das ramificações do thallo. São masculinos (antherideas) e femininos (archegones) e podem achar-se collocados ao lado um do outro, no centro d'appendices do thallo simulando involucros flo-raes, differenciação bastante notavel, que tem levado muitos botânicos a verem n'este systema vegetativo um aparelho correspondente á flôr dos vegetaes superiores.

O acto da fecundação tem logar exactamente como nas Algas, e apenas os órgãos correspondentes apresentam uma fórma um pouco especial.

A fecundação tem por resultado a formação d'um órgão, o Sporogone, chamado o fructo dos Musgos, mais desenvolvido e differenciado que o cystocarpo das Florideas, a que corresponde, mas ainda parasita, e por isso inferior ao órgão analogo das cryptogamicas superiores.

Este órgão dá origem a sporos, que cahindo sobre a terra humida, germinam dando nascimento a thallos sexuados, que reprodüzem a nova planta.

O cyclo biologico dos Musgos comprehende duas phases, duas fórmas inteiramente distinctas, uma sexuada, que corresponde a

uma verdadeira Alga, e que os liga ás plantas inferiores; e outra agame, o sporogone, que constitue um systema vegetativo novo, laço d'união entre os Musgos e os vegetaes superiores.

Estas mesmas particularidades têm logar nos actos sexuaes das Hepaticas, cuja maior differença dos Musgos consiste na estrutura do thallo.

A força d'adaptação exercendo-se sobre estas fórmas, faria sentir mais facilmente os seus effeitos sobre o segundo systema vegetativo, que não possuia, como o primeiro, força alguma hereditaria a contrarial-a.

Foi o que aconteceu e o que nós vamos observar nas cryptogamicas superiores, ou Fetos (Filicineas), cuja genealogia, como indica Hæckel, é a seguinte: Pterideas, Calamophytas, Rhizocarpicas, Ophioglosseas e Lepidophytas ou Selaginaes.

As Pterideas, ou Fetos propriamente ditos, parece serem as primitivamente sahidas das Hepaticas, e d'ellas se desenvolveram depois, como ramos divergentes, as Calamophytas, Rhizocarpicas, e Ophioglosseas.

D'estes tres grupos, são as Calamophytas as mais inferiores, hoje apenas representadas pela unica familia das Equisetaceas.

As Rhizocarpicas, cuja historia nos é pouco conhecida, vivem na agua doce e ligam-se pela sua estrutura, por um lado ás Pterideas, por outro aos Lepidophytas.

O quarto grupo dos Fetos, as Ophioglosseas, por muito tempo consideradas como uma pequena subdivisão das Pterideas, constituem uma fórma intermédia, importante e distincta, d'onde sahiram os Fetos superiores, Lepidophytas, os quaes attingiram um grau de superioridade bastante elevado, que os faz considerar como os immediatos progenitores das Phanerogamicas.

N'estes grupos, que passamos em revista, apparecem pela primeira vez distinctamente elementos até então desconhecidos, fibras e vasos, cujos precusores poderiamos já encontrar nos Musgos superiores, sob a fórma d'elementos alongados, reunidos em cordões, mas ainda cellulares. Os orgãos mais delicados desenham-se cada vez mais nitidamente; os appendices foliares agrupam-se n'uma ordem progressivamente regular; e sobre elles apparecem os sporangios masculinos (microsporangios) e femininos (macrosporangios).

A transição para os typos superiores das Phanerogamicas é bem definida. Vêmos o systema vegetativo primordial soffrendo cada vez maiores reduções, e o desenvolvimento proporcional, e a preponderancia do sporogone, o cystocarpo das Florideas, já bastante accentuado por uma differenciação progressiva desde as Hepaticas mais inferiores, até aos Musgos mais elevados.

O thallo assexuado, que nós encontramos nos Musgos ainda fixo sobre a geração sexuada, da qual até certo ponto se pôde chamar parasita, — offerece-nos nas cryptogamicas vasculares uma differenciação bastante superior, e, comquanto parasita ainda na sua primeira idade, consegue depois tornar-se independente, adquirindo um desenvolvimento progressivo, bastante notavel. Pelo contrario, o prothallo cellular, que apresentava uma certa importancia ainda, nos grupos immediatamente inferiores, sendo, todavia, já ephemero, soffre uma extrema redução, que perfeitamente se accentua nas Rhizocarpicas, e Ophioglosseas, chegando nas especies superiores dos Lepidophytas, a ser representado apenas por uma unica cellula.

Em todos estes grupos temos visto o sporo feminino destacar-se do orgão que o produz, e tornar-se independente, de modo que as duas gerações, sexuada e assexuada, parece constituirem duas individualidades distinctas. Entretanto já nos Fetos mais elevados o sporo feminino fica adherente ao orgão, dando-se aqui o inverso do que se tinha dado n'um estado mais inferior: aqui é a geração sexuada, que se torna, por assim dizer, parasita da geração assexuada do thallo, de modo que parece desaparecer; facto este que mais se accentua ainda nas Phanerogamicas.

Esta grande divisão do reino vegetal comprehende os dois grandes grupos, Gymnospermas e Angiospermas, distinctos entre si não só pela sua structura anatomica, como pela sua evolução embryologica.

Nas Phanerogamicas, os sporangios nascem sobre as folhas, como nos Fetos, mas estas folhas são profundamente transformadas e constituem o que se chama vulgarmente a flôr.

Nas Gymnospermas, o sporo feminino (sacco embryonario) germina, dando origem a um verdadeiro prothallo cellular, o endosperma, que enche completamente o macrosporangio (ovulo).

Sobre este prothallo apparecem os archegones, corpusculos, que são fecundados pelo prothallo masculino (tubo pollinico), que procede da germinação do sporo masculino (grão de pollen).

Todos estes actos se passam antes do sporangio se destacar sob a fôrma de semente.

Em resultado d'esta fecundação produz-se dentro de cada archegone, um embrião que substitue completamente o antigo oosporo.

Nas Angiospermas, o macrosporangio acha-se protegido por um novo orgão, o ovario, que o occulta completamente.

O prothallo feminino, que ainda no grupo anterior enchia todo o ovulo, acha-se agora reduzido a uma cellula-mãe, que se divide em quatro cellulas-filhas, as quaes sem darem origem a um

verdadeiro prothallo feminino, se differenciam por meio d'uma especie de divisão do trabalho, indo umas formar as vesiculas embryonarias, ultimos rudimentos dos archezones, e que recebem a impregnação do tubo pollinico. As outras ficam estereis, e servem apenas para a protecção e nutrição da cellula embryonaria, ultimo vestigio do prothallo feminino, outr'ora tão importante.

Quando o macrosporangio se torna independente, já traz esboçadas as partes essenciaes da nova planta.

Sob a denominação commum de Gymnospermas comprehendem-se tres grupos, as Cycadeas, as Coniferas e as Gnetaceas.

D'estas, as Cycadeas, chamadas tambem Fetos palmiformes, são as mais inferiores, e estabelecem a transição entre as Cryptogamicas e as Phanerogamicas, pela sua grande analogia com os Fetos arborescentes.

São hoje apenas representadas por alguns generos raros, Zamia, Eucephalartos, Cycas.

Em seguida a estas, vêm as Coniferas, ainda hoje representadas por numerosas especies, e bifurcando-se em dois ramos, que têm por typos principaes, o primeiro as Araucarias, o segundo as Taxineas.

D'estas ultimas provieram as Gnetaceas, pequena familia, que comprehende apenas os tres generos, Gnetum, Welwitschia e Ephedra, mas, comtudo, importante por formar um grupo de transição entre as Gymnospermas e as Angiospermas.

Estas ultimas subdividem-se em Monocotyledoneas e Dicotyledoneas.

Das Gnetaceas são oriundas as especies mais inferiores das Dicotyleas, não sendo as Monocotyleas mais do que um ramo lateral das Dicotyleas, e d'estas separado provavelmente no periodo triassico.

As Monocotyleas apresentam nas suas sementes uma unica folha seminal, cotyledon; e cada involucro floral consta de tres foliolos. Têm uma organização anatomica muito mais uniforme do que as Dicotyledoneas, e as suas folhas são simples, e percorridas por feixes fibro-vasculares rectilineos.

As Dicotyleas têm dois cotyledones, e o numero fundamental de foliolos floras que no grupo anterior era simplesmente de tres, sobe agora a quatro, cinco e mais. As folhas apresentam maior differenciação e são percorridas por feixes fibro-vasculares sinuosos e ramificados.

Ligam-se evidentemente com as Coniferas, por intermedio das Gnetaceas, como se reconhece nos seus typos mais inferiores, em que o calyce e a corolla se não acham ainda differenciados, pelo

que receberam o nome de Monochlamydeas. Só depois appareceram os typos mais elevados, que se agrupam sob a denominação de Dichlamydeas, as quaes ainda se subdividem em Dialypetalas e Gamopetalas.

Nas primeiras contam-se grande numero de familias, que todas se distinguem pelo facto de terem os foliolos dos involucros floraes nitidamente separados uns dos outros, ao contrario das Gamopetalas, em que elles se acham perfeitamente soldados.

É no grupo das Gamopetalas que vamos encontrar as especies, que pela sua elevada differenciação e aperfeiçoamento, occupam os graus mais elevados da serie vegetal. São estas as Labiadas e mais ainda as Compostas.

FILIPPE DE FIGUEIREDO.

BIBLIOGRAPHIA

O Homem indispensavel. — *Scenas da vida contemporanea* por JULIO LOURENÇO PINTO. — Ernesto Chardon, editor 1883 — 1 vol. de 308 pag.

No moderno movimento litterario, Julio Lourenço Pinto é um dos mais convictos propugnadores do naturalismo e, como Eça de Queiroz, José Augusto Vieira e Teixeira de Queiroz, tem procurado praticamente tirar o romance do convencionalismo sentimental e aventureiro para fazer d'elle a descripção artistica da vida real. Em dois artigos publicados n'esta REVISTA appreciou o auctor a evolução naturalista, indicando as tendencias da arte na actualidade e mostrando o caminho que os noveis romancistas devem seguir nos seus trabalhos. O illustre escriptor provou ahi comprehender a nova orientação litteraria e os processos adoptados pelos discipulos de Balzac, embora n'um ou n'outro ponto se afaste das opiniões de Zola, o apostolo mais fervoroso do naturalismo. Existem sem duvida grandes divergencias entre os sectarios da escola realista, e muito maiores entre elles e os que subordinam todas as questões de esthetica ao criterio philosophico do positivismo, mas ha no entanto um ponto essencial em que todos se encontram de accordo — a necessidade de antepôr a observação á imaginação. O naturalismo, tomado n'este sentido mais lato, foi bem interpretado pelo snr. Julio Lourenço Pinto nos seus artigos de critica. Na applicação, porém, da theoria aos romances frequentes vezes a imaginação do auctor suppre a observação rigorosa dos factos, e esta falta que notámos na *Margarida*, na *Vida attribulada*, um pouco menos no *Senhor Deputado*, adquire maior intensidade no *Homem indispensavel*, especialmente na concepção dos typos femininos. O romancista, esquecendo os seus processos artisticos, traça uns caracteres ficticios, puramente imaginarios, uns personagens feitos de uma só peça, sem musculos, sem nervos, sem vida, como se o seu espirito estivesse ainda em plena phase romantica. As mulheres descriptas pelo snr. Julio L. Pinto não existem na vida real, têm a inconsistencia da allegoria, como por exemplo, no ultimo romance, Branca e Victorina, aquella envergando as fôrmas tenuissimas da bondade e da candura, esta os trajas arrogantes do orgulho e da ambição. Não são mulheres, são symbolos, que nada devem á observação da sociedade humana.

Vejamos, porém, o romance no seu conjuncto.

O *Homem indispensavel* traz-nos á memoria vagas reminiscencias do

Fromont jeune et Risler aîné de Daudet. Comtudo a acção do romance é bem diversa. Gustavo, um industrioso bastante vulgar, alma vil e cheia de insofridas ambições, diligenciaia tirar-se da mediania, em que vive, e er-guer-se ás camadas sociaes que lhe ficam sobranceiras. Explorando a ami-sade de Jorge, antigo condiscipulo, cuja opulencia o seduz e cuja ingenuida-de lhe assegura os seus fins, consegue entrar em grandes empresas, crear negocios promettedores, fundar novas fontes de exploração, valendo-se principalmente da cumplicidade adultera de Victorina, a esposa do seu ami-go. Emfim a politica faz d'elle um potentado. Quando a doença e a morte de Victorina, derramam uma luz inesperada sobre essa vida de infamias, Gustavo com um cynismo egoista, vencendo a perturbação momentanea, apruma-se impudentemente e pensa comsigo mesmo — « As contas!... oh! as contas são faceis de liquidar... » E com effeito assim era, elle nada devia a Jorge, « absolutamente nada ». É este o centro, em volta do qual giram to-dos os outros personagens. Gustavo tem os traços característicos de alguns influentes politicos de nossos dias, é um typo verdadeiro, observado no meio social em que vivemos e lançado com rara felicidade pelo auctor nas paginas do seu romance.

O effeminado Jorge, sempre irresoluto, deixando-se dominar pela mū-her, pelo amigo, por todos quantos d'elle se approximam; Pedro, o bar-beiro absorvido pela paixão politica, laço de união natural entre os grandes influentes ambiciosos e o publico parvo e ignorante que se deixa illudir por qualquer dentista charlatão; Ernesto, o pomposo bacharel, sempre imperti-gando a sua nullidade balofa e revendo-se nos seus diplomas de premiado; todos elles possuem traços humanos que contrastam singularmente com as ficções novellescas de Branca, a esposa etherea e impalpavel de Ernesto, de Victorina, a sombra indefinita da Sidonie Chêbe do romance de Daudet, e mesmo de Clara, a monomaniaca mulher de Pedro, que tão illogicamente se suicida.

A transformação instantanea dos sentimentos de Victorina por Gustavo, a scena escandalosa do baile no Palacio de Crystal e muitos outros trechos do romance são de pura imaginação. Comtudo o auctor tem a par d'isso notas bem verdadeiras, de uma observação rigorosa, como o movimento ins-tinctivo de cabeça quando Jorge no meio da sua dôr profundissima ouve a voz condoída de Isaura, que o lamenta.

O estylo do *Homem indispensavel* não tem, é certo, alguns defeitos que censurámos no primeiro romance do snr. Julio Pinto — *Margarida*, mas está eivado de uma rhetorica pesada, enfadonha por demasiadamente traba-lhada. A fôrma moderna deve ser simples, elegante, que attráia e seduza o leitor, prendendo-o irresistivelmente ás paginas do livro pelo encanto e bel-leza da linguagem a par da verdade da descripção e dos caracteres. A mo-notonia é sempre desagradavel. Infelizmente de todos os romances do snr. Julio Pinto *O Homem indispensavel*, apesar de ser o ultimo, foi o que menos nos satisfez, assim como o anterior, *O Senhor Deputado* nos pareceu o que mais se approximava das theorias tão bem defendidas pelo illustre romancista nos seus artigos de critica. A perfeita comprehensão que o auctor revelou do ideal moderno nas obras d'arte, faz com que sejamos mais rigoroso n'esta apreciação e que exijamos d'elle trabalhos mais completos e mais em harmo-nia com as doutrinas calorosamente apregoadas e desenvolvidas n'esta RE-VISTA, nos seus estudos: — *Do methodo a seguir na applicação do realismo á arte e Theorias da arte*. Esperamos que o talento do auctor realisarâ os nossos desejos no novo romance em preparaçào — *O Bastardo*.

Ultimos harpejos por SYLVIO ROMÉRO (fragmentos poeticos).Editores — Carlos Pinto & C.^a — Pelotas e Porto Alegre, 1883. — 1 vol. de 88 pag.

Sylvio Roméro, o illustre critico brasileiro, publicou ultimamente, sob o titulo de **ULTIMOS HARPEJOS**, um pequeno volume de versos, que começamos a lér com o mais vivo interesse, quer pela affectuosa admiração que tributamos ao auctor, quer particularmente porque ainda não o tínhamos avaliado como poeta. Os **CANTOS DO FIM DO SEculo**, com que iniciou a sua vida litteraria, nunca nos vieram ás mãos; e portanto as novas poesias eram para nós uma novidade, traziam-nos a revelação do artista. Impressionou-nos, porém, desagradavelmente o primeiro periodo da *advertencia* com que abre o volume, e que é, além d'uma injustiça feita a si proprio, uma offensa indirecta para todos os crentes e todos os poetas dos tempos passados, presentes e futuros. Pareco-nos que aquellas palavras não traduzem fielmente o pensamento do auctor, porque seriam na realidade bem tristes as conclusões que d'ahi se deduziriam. Sylvio Roméro é um poeta distincto e um lutador infatigavel, e bem sabe que a poesia, a verdadeira poesia, longe de ser um passatempo pretencioso, é uma arte grandiosa e sublime, assim como a crença, quer tenha por fundamentos a revelação theologica, quer uma doutrina philosophica ou uma verdade scientifica, é o elemento primordial dos grandes caracteres e a origem de todas as dedicações e heroismos. A descrença revela fraqueza de animo e traz a inacção, o aborrecimento e enfim a morte. Ora Sylvio Roméro pertence á legião dos fortes, dos que têm um ideal, dos que confiam na regeneração social, nos progressos da patria e no futuro da humanidade. Elle mesmo o confessa, elle mesmo se proclama o iniciador da reacção anti-romantica no Brasil.

Começou pela poesia, pela idealisação de « um triplice plano, uma *trilogia* ». Eis o plano: « O mundo e a humanidade interpretados pelo criticismo realista e evolutivo, nos **CANTOS DO FIM DO SEculo**; a *patria* em sentido lato, n'um americanismo sem indios, um americanismo civilisado e historico, democratizado e progressivo, no **POEMA DAS AMERICAS**; a patria em sentido restricto, a *provincia*, idealisada a sua vida em nosso lyrismo singelo e popular, na **LYRA SERGIPANA**. A primeira parte foi levada a effeito; as outras esboçadas. São os fragmentos que agora saem a publico ».

Infelizmente não conhecemos a primeira parte d'esta trilogia, os **CANTOS DO FIM DO SEculo**, onde o poeta provavelmente ha de dar toda a medida do seu estro. Os **ULTIMOS HARPEJOS** são na realidade fragmentos soltos das outras duas partes, fragmentos a que falta um laço superior de união e que se resentem d'um particularismo exagerado, d'um acanhado ideal de patria e de provincia, hoje em diametral opposição com o largo sopro altruista que faz da terra a patria commum de todos os homens, sem distincção de raça, de religião ou de nacionalidade.

Não quer isto dizer que não tenha este volume poesias de verdadeiro merecimento e de atrahente belleza como, por exemplo, *Palenque*, *Colombo*, *A mancha negra*, *Nos engenhos*, *O exodo dos livres*, *Nas matas*, *Lusus natureæ*, *A viola*, etc. Particularmente a **LYRA SERGIPANA** tem poesias d'um sentimento espontaneo, nacional, versos d'um sensualismo quente, profundamente brasileiro, como este ultimo terceto de *A viola*:

Como és boa da roça nos festejos,
Quando as morenas languidas, astutas
Afinam pela *prima* o som dos beijos !...

O *Casamento Tabaré* é um quadro admiravelmente descripto, de um americanismo puro. Comtudo, agradam-nos mais algumas das poesias que encerra o POEMA DAS AMERICAS. A *lucta* é um bello trecho epico :

Dez annos pelejou a Troya americana :
 Caiu como Carthago em lucta desigual.
 Somente a natureza amou seus combatentes,
 Somente a rocha altiva e o grande palmeiral...

O *Quilombolas* torna-se digno de menção especial.

Sylvio Roméro, a par de muitos versos excellentes, sonoros, tem outros imperdoaveis, que empanam um pouco o brilho de algumas poesias, estes por exemplo :

Com aquillo que se passa nas auroras

 Que o céo covarde lhes atria em cima

 Que, a alma deixada sobre a propria gloria,
 Não n'a occupa a espreitar as ardilezas,

E muitos outros. Tambem ás vezes as ideias mal se divisam por entre o exagero das figuras. Varias poesias augmentariam de valor, tornar-se-hiam mais bellas, mais perfectas, se o auctor lhes cortasse os versos inuteis que em vez de desenvolverem um pensamento, o enfraquecem. Deixemos, porém, os defeitos; todas as obras os têm e até mesmo a natureza não está isenta d'elles. Se somos severos, se nos mostramos exigentes com Sylvio Roméro é, porque elle pela sua sciencia e pelo seu talento occupa um dos logares mais eminentes entre os modernos escriptores brasileiros e portanto tem obrigação de fugir o mais possivel da vulgaridade e de se aproximar do ideal de perfeição a que todos aspiramos.

Em todo o caso os *ULTIMOS HARPEJOS*, além do merecimento proprio das poesias, têm o de ser um documento valioso da reacção anti-romantica no Brasil, marcando a transição da plena epoca de romantismo para o moderno movimento realista e philosophico, que cada vez mais se accentúa.

TEIXEIRA BASTOS.

Noções de Microscopia por FILIPPE DE FIGUEIREDO.
 — Lisboa, 1884. — 1 vol. de 204 pag.

O nosso estimavel collaborador, o snr. Filippe de Figueiredo, acaba de prestar um relevante serviço aos estudiosos, especialmente aos que se dedicam á botanica, com a publicação d'este livro, onde resumiu tudo quanto é de essencial e de indispensavel saber-se sobre microscopia, e que andava disperso por livros destinados a sciencias particulares. Diz elle: « Não existe entre nós obra alguma sobre microscopia, e nenhuma conheço, mesmo estrangeira, especialmente escripta para agronomos; tudo n'este ponto se reduz a meia duzia de paginas, mais ou menos deficientes, em livros que se destinam a outras especialidades. » É portanto de grande utilidade este volume, que contém, depois d'umas ligeiras noções d'optica como introduc-

ção, a descripção do microscopio e dosapparelhos accessorios (livro I), a maneira de effectuar as preparações e de as conservar (livro II), as applicações respectivas aos insectos e aos vegetaes (livro III) e, enfim, em appendice, um interessante estudo sobre os fungos, que atacam as principaes plantas cultivadas. Como se vê, é vasto o assumpto, mas o snr. Philippe de Figueiredo trata-o com inteira precisão, sem deficiencia de qualquer natureza e n'uma linguagem clara e comprehensivel, qualidades estas que difficilmente se encontram reunidas em tractados scientificos. É este o seu maior elogio.

Felicitando o auctor, temos a esperanza de que continuará a empregar a sua intelligencia e as suas incontestaveis aptidões scientificas no desenvolvimento da instrucção e no augmento dos progressos mentaes do nosso paiz.

TEIXEIRA BASTOS.

